

MODERNIDADE E TRADIÇÃO: OS TRAÇOS ARQUITECTÓNICOS NA AVENIDA RESSANO GARCIA NO PERÍODO ENTRE 1904 A 1909

MODERNITY AND TRADITION: ARCHITECTURAL FEATURES ON AVENIDA RESSANO GARCIA BETWEEN 1904 AND 1909

António Cota Fevereiro¹

ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
antoniofranciscocotafevereiro@gmail.com – ORCID | 0000-0002-2499-3698

RESUMO

O objectivo deste artigo é o de salientar as principais características de um conjunto de edifícios construídos de 1904 a 1909 na Avenida Ressano Garcia em Lisboa, a partir do projecto do arquitecto Raul Lino para Joaquim de Jesus Ferreira. Neste projecto o arquitecto enveredou por uma linguagem arquitectónica sóbria, com referências quinhentistas e abordagens novas, inspiradas na arquitectura tradicional portuguesa e na contemporânea anglo-saxónica. Este projeto foi caso único e não teve repercussão no trabalho de outros projetistas e até 1909 foram erigidos edifícios de diferentes tipologias, onde se exploraram conceitos novos. O presente artigo partiu do cotejamento de várias fontes arquivísticas e bibliografia, para salientar a intemporalidade da obra aqui seleccionada e que caracteriza, em parte, a arquitectura do início do século XX em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE

Lisboa | Avenida Ressano Garcia | Casa à Portuguesa | Arte Nova | Raul Lino

ABSTRACT

The aim of this article is to highlight the main characteristics of a set of buildings erected from 1904 to 1909 on Avenida Ressano Garcia in Lisbon, from the project by architect Raul Lino for Joaquim de Jesus Ferreira. In this project the architect developed a sober architectural style, with references of fifteenth century and new approaches inspired in the traditional Portuguese and contemporary Anglo-Saxon architecture. This project was unique and had no repercussion in the work of other draughtsmen. In fact, different types of buildings were built and new concepts were explored until 1909. This article is based on the collation of various archival sources and bibliography to highlight the timelessness of the work selected here, which characterises, in part, the architecture from the beginning of the twentieth century in Portugal.

KEYWORDS

Lisbon | Avenida Ressano Garcia (Ressano Garcia Avenue) | Casa à Portuguesa (Portuguese House)
| Art Nouveau | Raul Lino

INTRODUÇÃO

Das primeiras moradias a serem construídas na Avenida Ressano Garcia uma foi da autoria de Raul Lino e nesta convergiu a identidade nacional com influências estrangeiras. Contudo, esta abordagem não teve repercussão nas edificações posteriores caracterizadas por uma linguagem arquitectónica contemporânea. Neste estudo seleccionamos determinados projetos onde diversos conceitos foram originalmente reinterpretados e onde foram desenvolvidas certas características

pouco focadas na historiografia, que importa aqui realçar. No entanto, convém aqui assinalar o facto que a avenida teve a sua designação alterada após a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910 para Avenida da República.

No texto as designações dos pisos e dos espaços nos projetos analisados estão de acordo com o que foi descrito na documentação consultada.

O ARQUITECTO RAUL LINO

Raul Lino nasceu no dia 21 de Novembro de 1879 na freguesia da Lapa, cidade de Lisboa, onde foi baptizado a 25 de Dezembro do mesmo ano. Era filho de José Lino da Silva (1840-?), negociante de materiais de construção, e de Maria Margarida de la Salette de Lima Pinto (1836-?), irmã do arquitecto Miguel Evaristo de Lima Pinto (1825-?).

O meio familiar deverá ter sido preponderante na sua apetência pela arquitectura e em 1890 aos 10 anos de idade foi estudar para Inglaterra num colégio católico. O contacto com a cultura britânica, através das paisagens e dos costumes, e, muito provavelmente, com o movimento Arts and Crafts¹ e o Aesthetic Movement², através da arquitectura e das artes decorativas, deverão ter sido relevantes para a sua formação. Permaneceu em Inglaterra até 1893 e nesse ano, por sugestão do historiador Joaquim Bensaude (1859-1952), seguiu para Hannover, na Alemanha, com 13 anos para estudar arquitectura e simultaneamente começou a trabalhar no *atelier* do arquitecto e historiador hanoveriano Albrecht Haupt (1852-1932), doutorado e especialista na arquitectura portuguesa com a tese

intitulada *Die Baukunst der Renaissance in Portugal*³. O contacto com Haupt foi fundamental para desenvolver um espírito historicista e nacionalista, essencial no amor que passou a votar à sua pátria. No mesmo período leu a obra *Walden or life in the Woods* do escritor norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862) (Pereira, 2013: 23) e onde se exalta o valor da vida solitária e meditativa, em harmonia com a natureza, contra a civilização industrial. A estadia nos dois países e a assimilação dos valores estéticos e espirituais foram decisivos na sua vida e no trabalho que viria a desenvolver.

No ano de 1897 com 18 anos deixou a Alemanha e voltou para Portugal onde começou a trabalhar nas oficinas do pai e a viajar pelo país. Nessas viagens, acompanhado em algumas pelo pintor Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), registou em desenho e texto o que viu, sobretudo no Alentejo que tanto o impressionou. No ano de 1902, com um amigo inglês, foi a Marrocos admirar a arquitectura e a cultura (Ribeiro, 1994: 27-31). Estas viagens foram essenciais para o trabalho que veio a desenvolver, através de uma capacidade

1 Movimento estético inglês da segunda metade do século XIX em que se valorizava o trabalho do artesão em detrimento da maquinaria industrial, liderado pelo crítico de arte e artista John Ruskin (1819-1900) e o designer, escritor e poeta William Morris (1834-1896), que viria a ter uma grande influência no design do século XX.

2 Movimento artístico oitocentista europeu que enfatizou os valores estéticos em detrimento de temas sociais na literatura, belas artes, pintura, artes decorativas e design de interiores.

3 *A Arte da Construção do Renascimento em Portugal*.

reinterpretativa notável. Mas, é precisamente pelo contacto "... com a arte de nações estrangeiras que a arte de um país ganha aquela vida individual e distinta a que chamamos nacionalidade [...]" (Wilde, 1993: 129)

Na cidade de Lisboa Raul Lino envolveu-se no meio artístico rodeado das mais influentes figuras da música, literatura e poesia. Neste círculo começou a ter as primeiras encomendas de projetos de arquitectura e desenho de mobiliário, equipamento, tecidos, vitrais e azulejaria, entre outros. Entrecruzando a organização e a espacialidade da casa burguesa anglo-saxónica com estilizações do *Jugendstil* e com a sobriedade e a volumetria da arquitectura tradicional portuguesa. Adaptando harmoniosamente e magistralmente um edifício com o terreno e a envolvente, como na Casa da Quinta da Comenda (1903) para o Conde d'Armand (1863-1919) na Arrábida e na sua habitação a Casa do Cipreste (1907-1913) em Sintra (Pereira, 2013: 133-138), tornando-se assim no mais ardente promotor da *casa à portuguesa* (Ramos, 2010: 236-242).

Gradualmente a originalidade do seu trabalho fez-se notar e a ser valorizada, conforme nos relata um artigo na *Ilustração Portuguesa* dedicado a vários projetos seus:

Demais, Raul Lino tem uma perigosa qualidade a recommendal-o: é novo. N'um paiz com o culto archeologico da mumia, preconceituoso até á medula, rotineiro até ao idiotismo, a mocidade é um valor negativo, uma especie de maleficio social contra as maiorias se precaveem, armadas de desconfiança e de receio (A Obra de um Reformador, 1908: 387).

No ano de 1907 casou com Alda Decken dos Santos⁴ (1887-1990) de quem teve duas filhas⁵.

Raul Lino (fig. 01) foi também construtor civil⁶, desempenhou cargos no Ministério das Obras Públicas e foi Superintendente dos Palácios Nacionais. Foi igualmente ilustrador, autor de cenários e de figurinos para teatro e organizador da programação de filmes, recitais, peças de teatro, espetáculos de bailado e concertos.

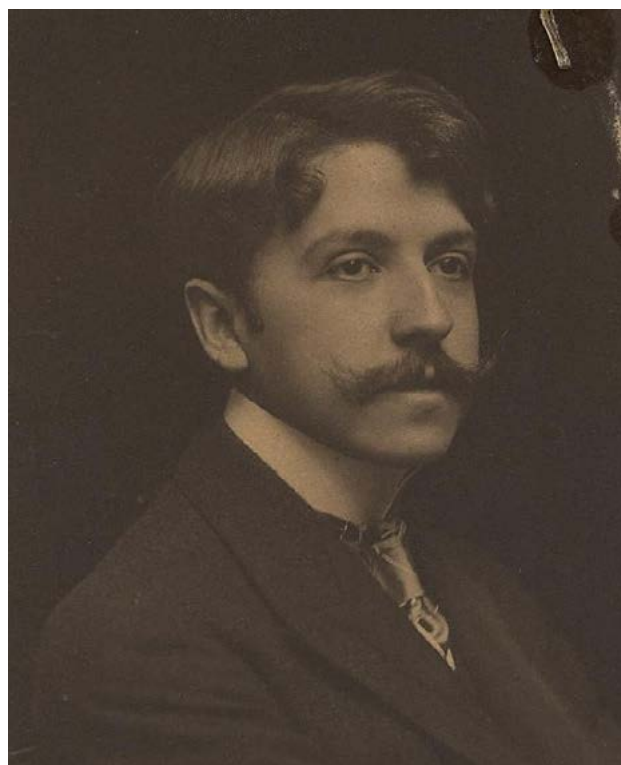


Fig. 01 Fotografia do architecto Raul Lino com a seguinte dedicação: Ao excelente amigo o Sr. José Relvas para recordar a muita estima e gratidão. Do Raul Lino - Lisboa, Setembro de 1908. Arquivo Histórico da Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça. Queremos agradecer ao Dr. Nuno Prates a cedência da fotografia.

4 Casaram no dia 29 de Abril de 1907 na freguesia de Sebastião da Pedreira da cidade de Lisboa. Filha de Joaquim Antunes dos Santos e de Cristina Luísa Bernardina Gertrudes Hermínia Decken, o pai era natural de São Domingos de Rana e a mãe de Wesel, Alemanha.

5 A primeira filha chamava-se Maria Cristina Lino (1908-2008) e a segunda filha era Isolda Lino (1910-2008).

6 Inscrito com o n.º 134 na Câmara Municipal de Lisboa e como temos vindo a verificar nos documentos e desenhos técnicos existentes no Arquivo Municipal de Lisboa | Bairro da Liberdade.

No ano de 1932 foi um dos membros fundadores da reformulada Academia Nacional de Belas Artes e em 1967 foi seu director. Escreveu várias obras dedicadas à arquitectura e foi um dos raros exemplos de “arquitecto total” que se dedicou simultaneamente a várias

criações artísticas, qualidades que o tornam num dos mais geniais arquitectos portugueses do século XX.

Morreu em Lisboa, na freguesia da Penha de França, no dia 13 de Julho de 1974.

A ARQUITECTURA EM LISBOA NO INÍCIO DO SÉCULO XX E A AVENIDA RESSANO GARCIA

No início do século XX a cidade de Lisboa estava em crescimento urbano e económico, embora não estivesse ao mesmo nível de outras cidades europeias (Rollo, 2010: 31-39).

A procura de habitação e a rapidez na construção levaram inevitavelmente ao emprego de materiais baratos como o estuque, o tijolo, o ferro e o cimento, com o intuito de simularem materiais nobres⁷.

A arquitectura era caracterizada pelo eclectismo, embora modernizado, como por exemplo, o projeto de 1900 da Casa Artur de Sá⁸ na Rua Conde de Redondo do arquitecto António José Dias da Silva (1848-1912) de inspiração mourisca adaptada ao traçado arquitectónico europeu ou o projeto de 1897 do edifício Dr. José Daniel da Silva Pereira Tavares (1843-1906)⁹ para habitação na Avenida da Liberdade da autoria

do arquitecto Luís Caetano Pedro de Ávila (1832-1904) delineado ao gosto classicista. A distribuição interna destas habitações refletia a vivência e a estratificação social burguesa, nomeadamente: na eficaz interligação entre as zonas de estar e as de serviço e no dimensionamento dos vãos de acordo com relações visuais e físicas entre o interior e o exterior¹⁰, reflectindo assim o gosto pela arquitectura e pelo programa interior doméstico das habitações francesas¹¹ e anglo-saxónicas.

Os conceitos aqui apontados foram explorados em inúmeras soluções na cidade de Lisboa. Contudo, foi após a abertura em 1897 da Avenida Ressano Garcia que se desenvolveram determinadas abordagens arquitectónicas e que importam aqui ser realçadas, onde originalmente se mesclaram os ecletismos oitocentistas com o conceito da *casa à portuguesa* e a estética da Arte Nova então em voga. Efectivamente, em 1909 os terrenos em

7 Por exemplo o uso do estuque para simular cantaria e para cobrir estruturas metálicas, o uso de pinturas a simular materiais nobres nas fachadas exteriores, o emprego do cimento para simular esculturas, entre muitos outros detalhes e como temos observado nas cidades de Lisboa, Porto, Paris, Bruxelas, Roma e Madrid, entre outras.

8 A moradia ficava na Rua Conde de Redondo n.º 74 a 76. O projeto deu entrada na Câmara Municipal de Lisboa no dia 3 de Setembro de 1900 e ficou concluída em 1902. Foi demolida em 1959 (A.M.L. | B.L., 1900: fl. 1) (Casa do Sr. Arthur de Sá, 1900: 1-3).

9 Foi construído na Avenida da Liberdade e tinha os números de polícia 146 a 148. O proprietário apresentou o projeto para licenciamento, na Câmara Municipal de Lisboa, no dia 22 de Fevereiro de 1897. No mesmo lote tinha sido construído um chalet e palco de madeira, por Edward Petil, cujo pedido deu entrada no dia 14 de janeiro de 1893. O edifício foi demolido em 1971 (A.M.L. | B.L., 1897: fl. 1) (Casa do Ex.mo Sr. Dr. Daniel Tavares, 1900: 3).

10 Esta relação entre espaços/zonas e a procura do conforto no lar aperfeiçoou-se após várias experiências durante o século XIX, as quais tiveram origem sobretudo nos países anglo-saxónicos. Nos Estados Unidos da América foi publicado em 1842 a obra *A Treatise on Domestic Economy for the Use of Young Ladies at Home and at School*, pela pedagoga Catharine Esther Beecher (1800-1878). No Reino Unido o arquitecto Robert Kerr (1823-1904) publicou em 1864 a obra *The gentleman's house; or, How to plan English residences from the parsonage to the palace* (Ramos, 2010: 194-195). Outro factor decisivo na propagação de soluções arquitectónicas e espaciais inovadoras foi a publicação periódica americana *Godey's Lady's Book*, também conhecida como *Godey's Magazine and Lady's Book* (Ramos, 2004: 2-72), publicada de 1830 a 1878 na cidade de Philadelphia. Tinha artigos sobre moda, labores femininos, receitas culinárias, artigos científicos, partituras de música e projetos de arquitectura, entre outros assuntos. Os arquitectos Samuel Sloan (1815-1884) e Isaac Harding Hobbs (1817-1896), ambos sediados em Philadelphia, colaboraram com projetos de edifícios, moradias, anexos, pocilgas e queijarias, entre outros.

11 Veja-se por exemplo a separação entre a retrete e o wc/banho em muitos projetos deste período, nomeadamente, nos de Ventura Terra e nos projetistas aqui abordados, entre outros.

torno da avenida ainda não tinham sido totalmente urbanizados e os edifícios construídos concentravam-se no seu início e logo depois da Praça de Touros do Campo Pequeno (fig. 02), onde foram erigidos os exemplares arquitectónicos aqui abordados e que iremos explicar. No entanto, para os enquadrar abordaremos sucintamente a *casa à portuguesa* e a Arte Nova.

A CASA À PORTUGUEZA

No século XIX a Bélgica, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Espanha e Portugal encetaram a colonização de África e começaram a definir as fronteiras das respectivas colónias. A ocupação portuguesa tinha o território de Angola e de Moçambique em lados opostos na costa africana e empreendeu assim a sua união através do interior. Todavia, esta vasta porção de terra foi cobiçada pela Grã-Bretanha e em 1890 lançaram o infame *Ultimatum* ao governo português a reclamar a sua possessão. A humilhação de Portugal gerou uma indignação e despoletou o orgulho patriótico pela própria identidade nacional (Pereira, 2013: 34), como a questão da *casa à portuguesa* que passou a ter mais relevo na sociedade coeva.

Efectivamente, o debate gerado em torno desta questão irremediavelmente levou à contestação dos modelos estrangeiros na arquitectura e à procura de um tipo de *casa à portuguesa*, mas num país com diferentes regiões, clima, solos, paisagens e modos de viver contribui

[...] para a especialização das habitações, os tipos tradicionais, que, nas cidades, desapareceram já, quasi completamente, diante da uniformização segundo um tipo mais ou menos cosmopolita e característico, devem, pois, variar, e variam, com efeito, de região para região, no aspecto exterior, na ornamentação das portas e janelas, nas varandas, nas escadas, na materia das coberturas e pavimentos, no lar, na chaminé [...] (Pessanha, 1902: 19)



Fig. 02 Planta da Avenida Ressaio Garcia, 1908-1909, Levantamento Topográfico da Cidade de Lisboa, dirigido por Júlio António Vieira da Silva Pinto e Alberto de Sá Correia, 1904-1911, plantas 10K, 10L, 10M e 10N.

Esta consciencialização também foi propagada por escritores¹² e poetas (Ribeiro, 1994: 76), como por exemplo na obra *Impressões e Paizagens* de Raul Brandão (1867-1930):

E na verdade o quintal, em dias de sol, quando o ar é transparente e azul, tinha uma apparencia extraordinaria d'abundancia: as couves gallegas, repolhudas, de folhas enormes, cresciam contentes; as fruteiras, de tronco vigorosos, rebentavam de saude – e até o mesmo feijoad, que nascia junto ao muro, repontava com força, perennemente humedecido pela agua. Uns craveiros floriam brancos e vermelhos, muito lindos, e ao fundo uma nóra adormecida entre nogueiras punha na alegria da horta uma nota ferrugenta e triste. E tudo n'aquella casa, desde as cobertas de fundo branco com desenhos d'um azul desbotado, até ás salas claras, forradas de azulejos antigos e leves,

aromatizadas pelas uvas de cheiro que enfeitavam os frisos, enchia a gente de pacificação e ternura, fazia pensar em typos alegres e bondosos dos romances de Julio Diniz. (Brandão, 1890: 108-109)

Neste texto temos as alusões à natureza, ao campo e à poesia, enaltecidas pela qualidade perene e ancestral de um modo de viver, de estar e de relacionamento com o espaço exterior envolvente. Longe de se agarrarem ao passado os ideólogos querem projetar no futuro todas estas qualidades.

Os conceitos de estar/relação com o interior/exterior das habitações antigas foram reformulados em novas concepções, expressos na volumetria, nas artes aplicadas e no modo de viver contemporâneo burguês (fig. 03), onde o conforto e as novas tecnologias facilitaram a vida quotidiana¹³.



Fig. 03 A lareira na sala de jantar da Casa Roque Gameiro (Tavares, 1909: 708). Colecção do autor.

- 12 O escritor José Maria de Eça de Queirós (1845-1900) em 1892 publicou *Civilização*, no jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*, onde relata a vida de Jacinto, um homem citadino, culto e rodeado de todas as tecnologias modernas. Todavia, assim que toma contacto com o campo e a natureza abandona a civilização. Esta obra serviu posteriormente de base ao romance *A Cidade e as Serras* publicado postumamente em 1901.
- 13 Um dos primeiros projetos de Raul Lino foi a Casa da Quinta da Comenda para Abel Henri Georges Armand, Conde d'Armand (1863-1919), construída sobre as ruínas de um antigo forte (Macedo, 2016: 109-141). A simplicidade arquitectónica do projeto foi exigida pelo titular na sua concepção. Contudo, não descurou o conforto moderno no seu interior. A habitação tinha inicialmente elevador, estufas, instalações sanitárias, máquinas e outros aparelhos do mais moderno e cómodo que havia na altura (Casa do Ex.mo Sr. Conde de Armand, 1903: 155).

A *casa à portuguesa* também é uma consequência da influência do movimento inglês Arts and Crafts na arquitectura e nas artes decorativas (Morris, 2007: 56-61).

O mesmo foi igualmente reinterpretado na criação artística de vários países europeus e despoletou, em parte, o movimento Arte Nova.

A ARTE NOVA

Na mesma época em que se discute a *casa à portuguesa* abriu em 1895 na cidade de Paris a *Maison de l'Art Nouveau* do marchand d'art alemão Siegfried Bing (1838-1905). O nome ficou de imediato associado a uma nova corrente estilística devido aos objectos de arte e decorativos expostos por artistas de vanguarda, além de outros asiáticos (Weisberg, Becker, Possémé, 2004).

Esta corrente foi buscar a fonte de inspiração às formas naturais das flores e plantas, onde o mundo simbólico e sonhador foi imbuído, contestando o academismo vigente oitocentista (Wilde, 1993: 59-60 e 140) (Carvalho, 1901: 214). Considerado por uns como vanguardista e por outros como de péssimo gosto¹⁴, a Arte Nova foi-se gradualmente generalizando a partir de 1900 para vários países europeus. A sua influência fez-se notar a nível da arquitectura, grafismo, escultura, pintura, objectos de arte e de uso quotidiano, entre outras criações¹⁵, empreendendo assim uma nova visão estética das artes decorativas e da manipulação volumétrica do edificado.

Na Alemanha e na Áustria enveredou por formas orgânicas e geométricas onde, respectivamente, se designam *Jugendstil* e *Secession*.

A Arte Nova em Portugal foi explorada em várias áreas, tais como:

- no grafismo através de molduras, representações humanas, florais e abstractas¹⁶;
- na arquitectura e no desenvolvimento das decorações, da volumetria/função do espaço e da assimetria de acordo com o lugar, a vista e o espaço interior;
- na azulejaria na criação de motivos e a sua integração na arquitectura;
- na decoração de interiores domésticos e de estabelecimentos comerciais¹⁷.

Nestas criações foram incorporadas de forma original as influências dos países francófonos (Carvalho,

14 Como por exemplo Cecil Wedgwood (1863-1916), um dos sócios da Wedgwood e que era uma das maiores e mais influentes fábricas de cerâmica a nível mundial, escreveu o seguinte texto sobre a Arte Nova: "We are not at all wedded to new art, in fact personally speaking I think a great deal of it is very poor... Not one out of a hundred of the purchasing public has really good taste. As long as a thing is new it may be as ugly as sin." (Reilly, 1995: 27)

15 No decurso da investigação em torno da Iluminação da Casa Real temos vindo a consultar inúmeros catálogos dos mais influentes fabricantes franceses, alemães, ingleses e austríacos, entre outros, e verificamos que o gosto pela Arte Nova sensivelmente entre 1900 a 1910 é pouco expressivo. No período de 1910 a 1914 resvala para soluções de fraca qualidade e torna-se comum.

16 Ver a obra dos ilustradores Celso Hermínio de Freitas Carneiro (1871-1904), Joaquim Guilherme Santos Silva (Alonso) (1871-1948), Cândido e MCespis (Fevereiro, 2017a: 233).

17 Na cidade de Lisboa houve vários estabelecimentos comerciais com pinturas em vidro e outras decorações Arte Nova e que se podem observar nas seguintes fotografias existentes no Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico: Jardim do Chiado, Casa Geraldês, Jardim de Lisboa e Sapataria Coimbra, todas na rua Nova do Carmo; Chapelaria Salomão Cardoso, Patisserie Benard, Eduardo Martins e uma florista na rua Garrett; Pastelaria Ferrari na Rua Nova do Almada; Retrozaria Aurea na rua Aurea; Loja das Meias, Camisaria Pitta, Casa Verol & C.º todas na rua Augusta; Maison Blanch e a Casa Chave d'Ouro (antes de se ter tornado no café com o mesmo nome comercial) na praça D. Pedro IV (Rossio); Anymatographo do Rocio na rua dos Sapateiros; Calleya na rua das Portas de Santo Antão; Cervejaria Germania e Vacaria Bijou na rua São Pedro de Alcântara; Tabacaria Marécós na rua 1.º de Dezembro; Armazem Chinez, Fraga & C.º (relojaria e ourivesaria) e Ourivesaria do Socorro na Rua da Palma. As fotografias são da autoria de Alberto Carlos Lima (LIM000851, LIM000984, LIM001033, LIM001042, LIM001050, LIM001070, LIM002590, LIM002625, LIM001000, LIM001013), José Artur Leitão Bárcia (BAR000950), Joshua Benoliel (JBN000200, JBN000205, JBN000220, JBN000223, JBN000227, JBN000230, JBN000232, JBN000233, JBN000234, JBN000240, JBN000299, JBN000315, JBN000422) e de autor não identificado (A74720 e A74722).

1986: 154-155), como na obra dos pintores José António Jorge Pinto (1875-1945)¹⁸ (fig. 04), Domingos Costa (1867-1954)¹⁹, Joaquim Luís Cardoso (1868-1967)²⁰ e Gabriel Constante (1876-1950)²¹, do vitralista Cláudio Martins (1879-1919) e dos arquitectos Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962) e Álvaro Augusto Machado (1874-1944)²². Na obra deste

último também é notória a influência da Arte Nova germânica, assim como na de José António Jorge Pinto.

São todos estes conceitos, correntes estilísticas e novas abordagens que foram desenvolvidas nos projetos construídos na Avenida Ressano Garcia que iremos abordar em seguida.



Fig. 04 Lambriel em azulejo da autoria do pintor José António Jorge Pinto na *Casa de Jantar* do Colégio Roussel e pintado entre 1904 a 1905. Fotografia do autor, Novembro 2018.

18 A influência francófona é visível na obra em azulejaria realizada para: o Jardim de Inverno do Sanatório de Sant'Anna na Parede; a Casa de Jantar do Colégio Roussel; a Garagem Auto-Palace; o edifício Dr. Guilherme Augusto Coelho; a Leitaria A Camponesa; a Casa Dr. José de Lacerda; as Casas Álvaro Machado (também com influências germânicas); o edifício Dr. Fortunato Jorge Guimarães; o edifício António Tomás Quartim; a Concorrente; os chalet/retrete no Cais do Sodré e Parque Silva Porto, entre outros. As formas geométricas e de inspiração germânica foram desenvolvidas nas seguintes obras: nos painéis exteriores do Colégio Roussel; na Casa Viscondessa de Valmor; nos Armazéns Casa do Povo d' Alcantara; no edifício das massas alimentícias A Napolitana; na primitiva Central Tejo, entre outras obras (Fevereiro, 2015: 79-102) (Fevereiro, 2017a: 238-242).

19 Como por exemplo as pinturas exteriores decorativas da Casa Domingos de Sousa Andrade, projeto do arquitecto José Alexandre Soares (1873-?), da Camisaria Santos, projeto do construtor civil Joaquim António Vieira (1861-?), do Armazém de Novidades João Cardozo, da mercearia Martins & Costa e de um gabinete no Palácio Sotto Mayor, entre outras obras, em Lisboa (Fevereiro, 2017a: 234-235 e 250-252).

20 Nomeadamente, na obra em azulejaria as influências francesas e belgas são evidentes (Fevereiro, 2017a: 242-244).

21 Os motivos florais em esgrafito belgas foram reinterpretados na sua obra de forma original e na articulação/escala na arquitectura (Fevereiro, 2017a: 247-248).

22 Na Casa Dr. José de Lacerda e no Bairro das Roseiras, no Alto do Estoril, o arquitecto inspirou-se na arquitectura Arte Nova belga e alemã na sua concepção, nomeadamente no desenho do jardim de inverno da primeira e no entendimento da volumetria em ambos (Fevereiro, 2011: 209-228).

A CASA JOAQUIM DE JESUS FERREIRA

No ano de 1904 foi entregue para apreciação na Câmara Municipal de Lisboa o projeto de uma moradia (fig. 05) de traçado singelo “[...] e elegante, é casa apenas para residencia do seu proprietário” (Casa do ex.mo sr. J. J. Ferreira, 1904: 123).

O autor do projeto foi o arquitecto Raul Lino²³ e o proprietário foi Joaquim de Jesus Ferreira (1863-1950)²⁴, que tinha adquirido o *Talhão N.º 9* na então Avenida Ressano Garcia. O edifício foi erigido pela firma construtora Vieillard & Touzet²⁵ e teve como orçamento o preço de 7.000\$000²⁶ réis.

Na extremidade poente do lote foi construída uma vedação com soco e pilares em pedra. Os pilares tinham a secção quadrada e eram encimados por pirâmides com acabamento rusticado. O portão tinha dois batentes e era o eixo de simetria do motivo do gradeamento e tinha início na base numa linha curva, ascendia na vertical e terminava num entrelaçar²⁷.

O portão estava na extremidade sul/poente e tinha um carreiro em linha recta para a moradia.

A moradia foi construída no interior do lote, a planta era de formato rectangular e tinha três pisos. A extremidade sul/poente foi subtraída para colocar a entrada com alpendre coberto e estava alinhada com o eixo do portão, mas a porta principal ficava na fachada lateral e desta forma o acesso ao interior da habitação não era imediato, assegurando assim uma certa privacidade.

O interior da habitação desenvolvia-se num corredor em L a partir da porta principal²⁸. A distribuição no *Rez-do-chão* era a seguinte: duas salas ou um escritório e uma sala para a fachada principal; despensa para norte (por ser mais fresco para preservar os alimentos); cozinha na extremidade norte/nascente e com porta de serviço para o jardim; um corredor debaixo do patamar da escadaria virado a nascente e a sala de jantar (fig. 06).

23 Os desenhos técnicos não estão assinados nem datados. O construtor civil responsável foi Guilherme Francisco Baracho (1855-?), inscrito na Câmara Municipal de Lisboa com o n.º 34, empregado da firma de construtores Vieillard & Touzet. A moradia tinha os números de polícia 64 a 64A e os pedidos apresentados foram os seguintes: construção da moradia, 11 de Junho de 1904 (A.M.L. | B.L., 1904: fl. 1); construção do mirante na extremidade do lote, 7 de Fevereiro de 1905 (A.M.L. | B.L., 1905: fl. 1), e construção da barraca, 18 de Julho de 1907 (A.M.L. | B.L., 1907: fl. 1). A barraca era composta por dois pisos e com a seguinte função: rés-do-chão para arrecadação de ferramentas de jardinagem e o segundo para viveiro de pássaros. Nos desenhos técnicos a sua localização era anexa à moradia, mas foi construída no interior do terreno. No levantamento topográfico da cidade de Lisboa, datado de 1904 a 1911, dirigido por Júlio António Vieira da Silva Pinto (1860-?) e Alberto de Sá Correia (1874-1937), na planta 10K (datada de Maio de 1908 e desenhada por H. Torres) atesta que a barraca foi construída no muro a norte, separada da habitação por um muro. O mirante foi depois modificado para garagem, cujo pedido deu entrada no dia 26 de Outubro de 1921 em nome de Jaime Salazar de Sousa. A moradia sofreu uma série de alterações e ampliações, cujo pedido deu entrada em nome de Carlos Salazar de Sousa no dia 7 de Julho de 1945. A moradia foi demolida em 1962.

24 Nasceu na freguesia da Pederneira, hoje Nazaré, concelho de Alcobaça no dia 10 de Novembro de 1863, batizado a 22 do dito mês e ano, filho de Ricardo de Jesus Ferreira e de Maria de Jesus. Casou na 3ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa no dia 24 de Março de 1918 com Maria do Carmo de Almeida (c. 1873-?). Na altura do casamento era morador na Rua Dona Estefânia n.º 187 rés-do-chão. Morreu na freguesia de São Sebastião da Pedreira no dia 16 de Fevereiro de 1950. Poderá ser o mesmo que foi escritor, versejador e negociante com Angola e que residia no início do século XX em Lisboa (Soares, 1998: 108) (Andrade, 1999: 134 e 348). Ver o *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, Volume 21, ano 1903, página 481.

25 Fundada pelos engenheiros franceses Charles Vieillard (1850-1911) e Fernand Touzet (1864-1929), que eram também construtores civis e cunhados (Santos, 1998, 106-108).

26 O orçamento era razoável para este tipo de construção e moradia. Vejam-se por exemplo outros orçamentos e custos finais consoante a tipologia de edifício: 5.400\$000 de orçamento em 1901 para a Casa do pianista Alexandre Rey Colaço (1854-1928) no Monte Estoril projetada por Raul Lino; 3.000\$000 de orçamento em 1902 para a Casa Júlio César de Mouta e Vasconcelos em Benfica, projetada pelo arquitecto Álvaro Machado e não foi erigida; 21.000\$000 de custo final em 1900 das cavalariças, cocheiras e anexos Henrique Bensaude (1853-1924) projetadas pelo arquitecto Miguel Ventura Terra; 13.000\$000 de orçamento para a Casa Olympia de Macedo Branco projetada pelo arquitecto Álvaro Machado; 32.000\$000 de custo final da Casa Viscondessa de Valmor projetada pelo arquitecto Ventura Terra e 45.000\$000 de orçamento para o edifício Amélia Augusta Pereira Leite projetado pelo arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior, entre outros. Os orçamentos constam nos respectivos números da revista *A construção moderna* e foram os seguintes: n.º 28; n.º 81; n.º 133; n.º 171; n.º 307 e n.º 298.

27 Este motivo tinha quatro travessões horizontais e assemelhava-se a uma nota musical numa pauta.

28 Nesta habitação o corredor é um mero espaço distribuidor para os diferentes espaços e que terminava na escadaria, único acesso vertical no seu interior. Todavia, o arquitecto explorou o conceito de *central living hall* na Casa Monsalvat em Cascais, em que os espaços giram em torno do *hall* e a relação da moradia com a envolvente, nomeadamente as vistas e o jardim (Casa de estylishação portuguesa do sr. Rey Colaço, 1901: 1-3) (Ramos, 2010: 154, 333 e 541).

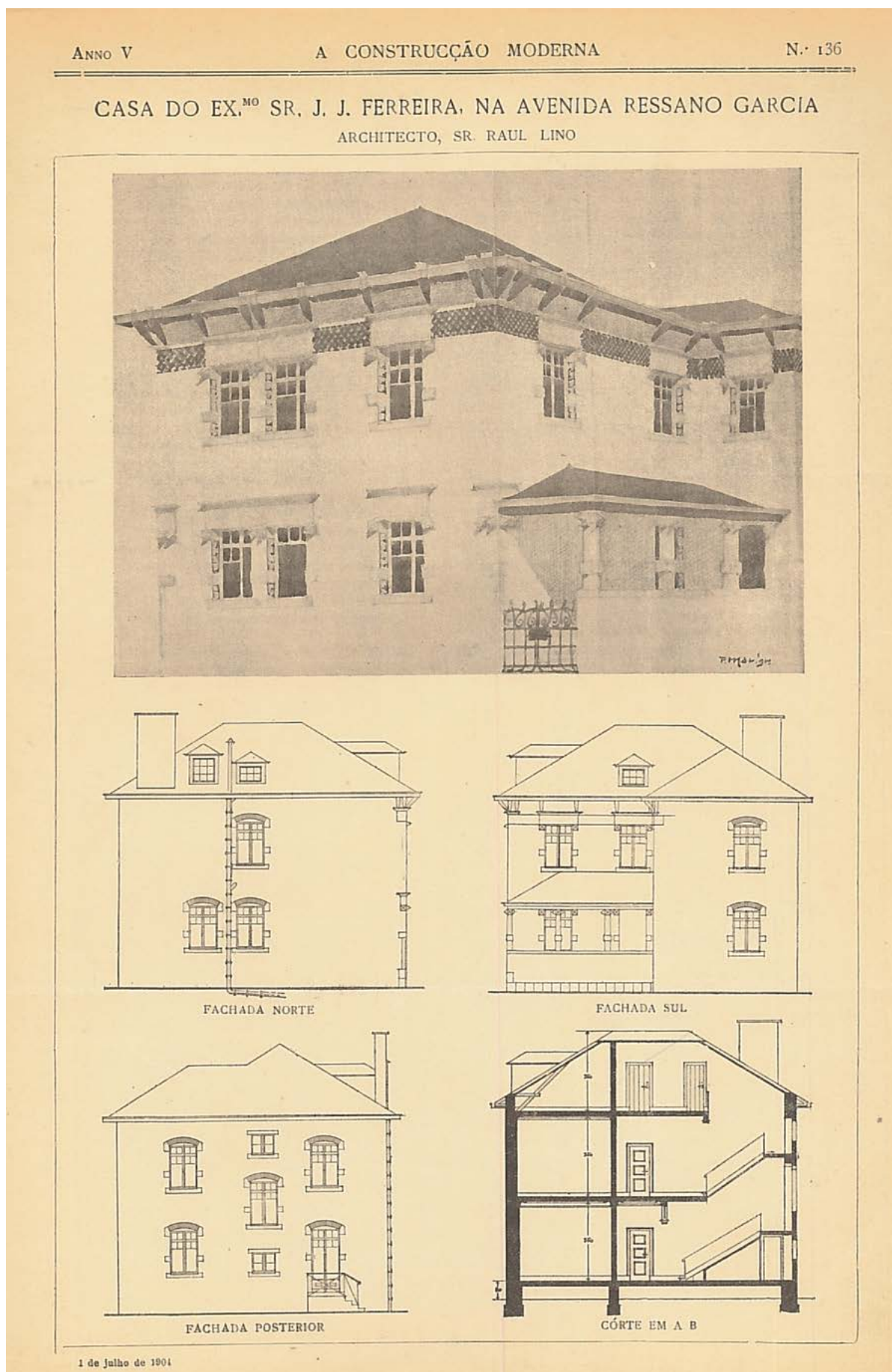


Fig. 05 Alçado principal e lateral em perpectiva, alçados laterais, alçado tardo e corte da Casa Joaquim de Jesus Ferreira (Casa do ex.mo sr. J. J. Ferreira, 1904: 121).

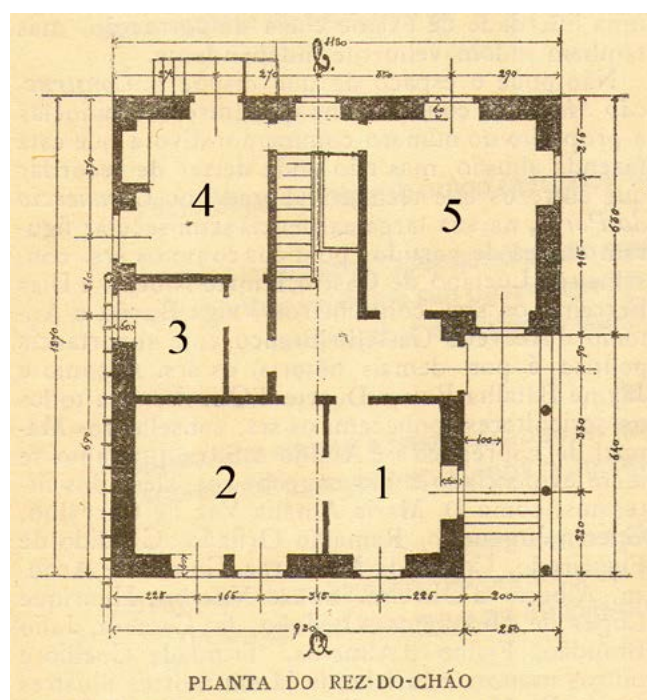


Fig. 06 Planta do Rez-do-chão da Casa Joaquim de Jesus Ferreira (Casa do ex.mo sr. J. J. Ferreira, 1904: 123). Na planta colocamos números e as respectivas designações dos espaços são as seguintes: 1 corresponde a sala/escritório; 2 a sala; 3 a despensa; 4 a cozinha e 5 a sala de jantar.

No *Primeiro Andar* eram os quartos e a instalação sanitária estava no seguimento da despensa. O *Sotão* correspondia em planta ao anterior, excepto o quarto na fachada sul e que era um só²⁹. Esta disposição espacial refletia a vivência/eficiência de uma casa burguesa através da comunicação entre os espaços e a sua função de acordo com os pontos cardiais, delineada para uma pessoa só com os respectivos criados.

A nível de fachadas o arquitecto concentrou toda a criatividade na principal e na lateral até ao alpendre da entrada. Nas duas fachadas referidas o embaçamento era em pedra rusticada e este acabamento também foi seguido nos peitoris e parcialmente nas ombreiras dos vãos e dos pilares do alpendre. Nes-

tes a secção inferior era lisa, seguida de um cubo rusticado e a outra lisa, terminava noutra cubo com pontas de diamante³⁰ e também foram colocadas nos cunhais da fachada principal. As vergas dos vãos³¹ tinham duas vezes o tamanho em altura das secções cubistas, o mesmo efeito e sobre-vergas. As janelas no *Primeiro Andar* tinham faixas sobressaídas do reboco com motivos decorativos³² no mesmo nível que as vergas. Todo este sabor quinhentista português contrastava com as faixas que unificavam as fachadas, recurso empregue no estrangeiro e em Portugal na segunda metade do século XIX em azulejo ou em pintura (Fevereiro, 2017a: 230-232). A cobertura era integralmente baseada nas congéneres estrangeiras, sobressaída em relação às fachadas, beirados

29 No corte as portas interiores eram com as tábuas ao alto, como as que eram usadas nas casas tradicionais no campo. A mesma solução foi desenhada pelo arquitecto Álvaro Machado para a Casa Júlio César de Mouta e Vasconcelos anteriormente referida.

30 As pontas de diamante foram posteriormente partidas e a superfície ficou lisa, com o mesmo acabamento rusticado da secção cubista inferior. As pontas de diamante podem ter sido inspiradas na Casa dos Bicos na Rua dos Bacalhoiros em Lisboa, que por sua vez podem ter sido baseadas nas do Palazzo dei Diamanti em Ferrara, Itália. No mesmo país as pontas de diamante foram empregues no Palazzo Bevilacqua, em Bolonha, e no rés-do-chão do Palazzo Santacroce a Sant'Angelo na Via di Santa Maria del Pianto na cidade de Roma.

31 O mesmo tamanho de verga foi empregue na fachada lateral sul da Casa Jorge O'Neill, hoje de Santa Maria, em Cascais (A.H.M.C., 1902: fl. 1) (Casa do Ex.mo Sr. Jorge O'Neill, 1902: 57-59). As janelas tinham um desenho específico e que o arquitecto utilizou para desenhar os mesmos para a Casa Dr. Avelino Monteiro em Sintra (Casa do ex.mo sr. dr. Avelino Monteiro, 1904: 65-67) e Casa Albino Caetano da Silva em Coimbra (C., 1909: 29-32) (Casa do sr. Albino Caetano da Silva, 1910: 217-218).

32 Não sabemos se os motivos eram em azulejo ou em pintura (Santos, 1996: 161). No alçado em perspectiva o arquitecto desenhóu um motivo de malha aos quadrados em ângulo (Casa do ex.mo sr. J. J. Ferreira, 1904: 121). Raul Lino adoptou a mesma simplicidade arquitectónica e o mesmo recurso decorativo no projeto da Casa A. Duarte em Queluz (Casa do ex.mo sr. A. Duarte, 1903: 241-243).

apoiados em cachorros³³, algerozes em zinco e telha de marseilha. As trapeiras de três águas eram inspiradas nas anglo-saxónicas do mesmo período³⁴. Nas fachadas laterais e tardo os vãos tinham vergas em arco abatido de tijolo³⁵, com saiméis em cantaria e as mesmas secções cubistas.

Neste projeto Raul Lino enveredou por uma linguagem sóbria onde as referências inspiradas na arquitectura tradicional portuguesa e na contemporânea anglo-saxónica foram reinterpretadas de forma original. No geral, a moradia tinha uma aparência sofisticada e económica nos materiais empregues. A mesma opção foi também seguida pelo arquitecto Álvaro Machado no projeto da Casa Júlio César de Mouta e Vasconcelos³⁶.

No decurso da sua construção foi entregue o projeto do mirante integralmente baseado no da moradia e não está assinado³⁷. Foi erguido na extremidade norte/

poente do lote e em planta era quadrado. Tinha uma porta com telheiro e no cunhal da fachada para a avenida duas janelas, com a mesma verga e detalhes em ponta de diamante das anteriores. A inclusão deste elemento arquitectónico tradicional³⁸ coadunava-se com a habitação, mas o conceito foi modernizado e tinha vista para uma das principais avenidas da cidade onde circulavam os novos meios de locomoção.

O desenho arquitectónico da moradia e o mirante sobre a avenida não tiveram seguimento na Avenida Ressano Garcia. Os restantes proprietários e projetistas enveredaram por outros vocabulários arquitectónicos de carácter mais urbano e contemporâneo. De entre os vários edifícios construídos fizemos uma seleção dos mais relevantes onde vários conceitos foram reinterpretados e a data de 1909 foi escolhida propositadamente como limite cronológico, por causa da mudança de regime em 1910 e por a arquitectura divergir para outras soluções³⁹.

O PANORAMA ARQUITECTÓNICO NA AVENIDA RESSANO GARCIA ENTRE 1905 A 1909

Nos anos seguintes à construção da Casa Joaquim de Jesus Ferreira a câmara municipal continuou o loteamento de várias parcelas de terrenos na Avenida Res-

sano Garcia. Neles construíram-se na maioria edifícios para habitação, mas não houve uma uniformização em altura e estética⁴⁰ (Almeida, 1906: 508) (Tostões,

33 Só na fachada principal e para as laterais.

34 O mesmo género de trapeiras foi utilizado na cobertura da Casa António Maria Pimenta em Coimbra (Casa do ex.mo sr. Antonio Maria Pimenta, 1903: 41-43).

35 O arquitecto e outros, como Ventura Terra, Álvaro Machado, Alfredo Maria da Costa Campos (1867-1911), Adolfo António Marques da Silva (1876-1939) e António do Couto de Abreu (1874-1946), empregaram nos seus projetos vãos com vergas em tijolo. Na segunda metade do século XIX este material ganhou expressividade e foi empregue em inúmeras soluções arquitectónicas (Santos, 1998: 101-114).

36 Conforme vem descrito na revista *A construção moderna*: "A maior economia exigida pelo proprietário, levou o auctor do projecto a basear a sua composição em motivos unicamente pittorescos, procurando assim dar-lhe um aspecto de uma casa de campo, da maior simplicidade. Assim, a cantaria só é empregada nos peitoris, soleiras das portas e degraus das diversas escadas exteriores." (Casa do ex.mo sr. Julio Cesar de Mouta e Vasconcellos, 1902: 171) A moradia era para ser construída em Benfica (Fevereiro, 2011: 402-403).

37 Não há a certeza deste projeto ter sido da autoria de Raul Lino por causa do tipo de letra diferir do seu.

38 O conceito de mirante aparece em edifícios dos séculos XVII, XVIII e XIX com a finalidade de se poderem admirar paisagens ou o mar. Além da função de lazer também podiam ser pontos de observação ou de estar em arruamentos.

39 Nomeadamente, o gosto pela *casa à portuguesa*, pelos eclectismos e pela Arte Nova que se vão esgotar em soluções pouco engenhosas e repetitivas. As quais foram realizadas em edifícios para a nova burguesia da Primeira República que se apoiou em referências aristocratas, da velha burguesia e culturais em voga no final do século XIX e no início do século XX. Outro factor determinante na escolha da data foi o fim da carreira como Engenheiro da Câmara de Frederico Ressano Garcia ao fim de 35 anos de serviço (Ribeiro, 1989: 7).

40 Como podemos observar nas avenidas e edifícios construídos de 1853 a 1870 na cidade de Paris pela intervenção do então presidente da câmara Barão Haussmann (1809-1891). A mesma ortogonalidade e uniformização do edificado foi seguida na cidade de Barcelona pelo plano de 1859 do engenheiro catalão Ildefons Cerdà i Sunyer (1815-1876).

1995: 510-511) o que levou a duras críticas, como por exemplo a de Ribeiro de Almeida:

Não ha leis sobre esthetica. Na camara municipal, desde que os projectos se apresentem em harmonia com as respectivas posturas, isto é, com as alturas regulamentares dos pavimentos e as canalisações nas mesmas condições, não teem remedio senão approvar tudo, embora as fachadas sejam um aborto de esthetica (Almeida, 1909a: 9).

Todavia, construíram-se exemplares com qualidade arquitectónica e como Arnaldo Moreira enaltece no seu texto:

O bello que se vê na avenida da República, é, na maior parte, devido a Norte Junior, pois d'elle são as casas Branco Rodrigues, dr. Mario d'Artagão e D. Ernestina⁴¹ Leite. Não sabemos se mais alguma. Ha tambem a esplêndida vivenda Valmôr e casa de D. Olympia Branco, a primeira de Ventura Terra e a segunda, mais modesta, de Alvaro Machado, existindo ainda outras, poucas, bastante rasoaveis e de que não conhecemos os auctores. O mais é detestável, ou pouco menos.

A falta de uma comissão de esthetica, na ocasião em que se começaram as edificações não só d'esta como das outras principaes arterias da nova Lisboa, deu em resultado a enorme quantidade de aleijões architectonicos, que confrangem o coração de quem os vê, e faz lastimar dinheiro tão mal empregado em taes disformidades (Moreira, 1911: 11)

Um dos primeiros edificios a serem construídos na avenida foi a Casa⁴² da Viscondessa de Valmor (1840-1910)⁴³ projetada pelo architecto Miguel Ventura Terra (1866-1919)⁴⁴. Começou a ser erigida em 1905 e “[...] em

1906, obtive o «premio Valmôr», instituido em legado, pelo fallecido benemerito do mesmo titulo, marido da proprietaria, para ser conferido á melhor edificação particular que annualmente se faça na capital [...]” (Casa da Ex.ma Sr.ª Viscondessa de Valmôr, 1909: 50)

O desenho arquitectónico

[...] não obedece a estylisação conhecida. Como já vimos, o architecto é pouco de molde a sujeitar-se ás imposições do passado. Tem bastante genio artistico para fazer creações proprias.

Conhece-se, no trabalho de que nos occupamos, a preocupação do architecto ao projectar a elegante mansão: Fazer uma casa na cidade, sobre uma das principaes avenidas, rodeando-a de jardins por todos os lados, recuando o corpo principal sem deixar que da edificação se gose o aspecto dos arruamentos, para o que projectou os corpos lateraes sobre a avenida e rua de que forma angulo (Almeida, 1909b: 21-22).

O architecto partiu de um volume quadrangular na extremidade do lote, ao qual subtraíu uma secção no gaveto e onde dispôs a fachada principal em ângulo, de forma a ficar um jardim, com muro e dois portões para cada arruamento, que serve de antecâmara exterior antes de se aceder ao interior.

Os vãos da fachada principal iluminam o vestíbulo e a escadaria principal que formam o *Hall* – espaço central e organizador da distribuição interna da habitação – e separando eficazmente os espaços de estar dos de serviço, aproveitando assim as fachadas laterais sobre o jardim⁴⁵.

41 O autor trocou o nome de Amélia Augusta Pereira Leite por Ernestina.

42 A moradia foi construída para rendimento e o primeiro arrendatário foi o secretário da Legação alemã Herr Lucius (Casa premiada com o premio Valmôr, 1907: 132).

43 Josefina Clarisse Duprat de Oliveira foi casada duas vezes: o 1.º com Ângelo Francisco Carneiro, 2º visconde de Loures (1837-1870) e o 2.º com Fausto de Queirós Guedes, 2º visconde de Valmor (1837-1898), dos quais não teve descendência.

44 O edificio tem os números de polícia 38 a 38A na Avenida da República e o n.º 22 para a Avenida Visconde de Valmor. O construtor civil responsável, inscrito com o n.º 129 na Câmara Municipal de Lisboa, foi Joaquim Francisco Tojal, as esculturas são da autoria de Jorge Pereira, a cantaria foi fornecida por Pedro Pardal Monteiro, a serralharia pela Jacob Lopes da Silva e a azulejaria exterior é da autoria do pintor José António Jorge Pinto (Almeida, 1909b: 22) (Fevereiro, 2011: 555-557). O pedido para a sua construção deu entrada na Câmara Municipal de Lisboa no dia 12 de Abril de 1905 em nome da Viscondessa de Valmor (A.M.L. | B.L., 1905: fl. 1).

45 No *andar nobre* (rés-do-chão) para poente há o *Escriptorio Bibliotheca*. Tem uma porta janela, ladeada por duas janelas, na fachada para a avenida e o *Terraço Coberto* para o jardim. Para nascente há o *Salão*, com os mesmos vãos e terraços que o *Escriptorio Bibliotheca*. O *Salão* comunica com a *Casa de jantar* através de portas de correr e ambos estabelecem uma relação visual com o exterior. Têm portas janelas para o *Terraço* que percorre a fachada e comunica com o jardim. Para norte há o *W.c. Lavabo* (instalação sanitária), a *Despensa*, a *Escada de serviço*, a *Cosinha* e a *Copa*, separados do *Hall* por um corredor. No 1.º *andar* há dois quartos principais, com *toilette*. Têm um terraço para as fachadas laterais, que é a cobertura dos terraços inferiores, e uma *bow window*, prolongando desta forma o quarto. Em torno da galeria do *Hall*, há um corredor em L, com acesso para os quartos, as instalações sanitárias e a escadaria de serviço.

O desenho arquitectónico tem influências francesas no seu desenho, nomeadamente o revestimento pétreo e os vãos. Também há referências românicas nos detalhes e anglo-saxónicas nas *bow windows*. Todavia, estas fontes de inspiração foram sabiamente integradas por Ventura Terra e animadas por faixas azulejares com um motivo padronizado nas fachadas exteriores que unem e enfatizam o carácter nacional do edifício. O motivo padronizado polícromo é composto pela sobreposição de figuras geométricas e estilização de girassóis Arte Nova da autoria de José António Jorge Pinto (Cota, 2022: 127-131).

A mesma solução de antecâmara exterior foi seguida no mesmo ano na Casa para Olímpia de Macedo Branco (1861-?)⁴⁶ e projetada pelo arquitecto Álvaro Machado⁴⁷ no gaveto oposto do lado oposto da avenida.

Neste projeto o arquitecto partiu de uma condicionante conforme nos deixou escrito na memória descritiva do projeto:

Attendendo, porém à economia desejada pela proprietária, todas as vergas das janelas serão construídas em tijolo, revestido de cimento e fingindo a tinta de óleo (A.M.L. | B.L., 1905: fl. 2).

Com efeito, a restrição imposta fez com que concentrasse o trabalho na manipulação volumétrica e na sobriedade das linhas arquitectónicas. Efectivamente, partiu da conjugação de dois volumes, unidos pela caixa de escadas, aos quais subtraiu dois bocados nas extremidades para evidenciar os quartos no 1.º andar e projetando assim o espaço interior no exterior revelando a função. A escadaria estava em eixo com a antecâmara, o portão principal e o gaveto, estabelecendo de forma eficiente um eixo condutor entre os arruamentos, a escadaria, o interior da habitação e o jardim. Este profícuo diálogo interior/exterior foi estabelecido no desenho das janelas do *rez do chão* que acentuavam a horizontalidade dos alçados. As janelas no lado da avenida iluminavam o *Vestíbulo*, a *Saleta* e o *Salão* e do lado oposto era a *Casa de bilhar* e a *Casa de Jantar*⁴⁸. A horizontalidade destas janelas contrastava com as varandas e portas janelas do primeiro andar – com largura superior às anteriores – que sugeriam uma certa verticalidade do alçado (fig. 07) (Fevereiro, 2011: 133-162).

Neste projeto e nos que criou posteriormente Álvaro Machado desenvolveu magistralmente a volumetria de acordo com a função⁴⁹.

A mesma apetência pela volumetria/função⁵⁰ foi eximamente explorada pelo arquitecto Norte Júnior⁵¹ em 1906

46 O seu nome em solteira era Olímpia Branca de Sousa de Macedo e casou em 1881 com o negociante Carlos Augusto Branco (1854-1902). Era viúva quando mandou construir a moradia na Avenida Ressano Garcia para residir com o seu filho Álvaro Branco que era solteiro (Fevereiro, 2017b: 540-544).

47 Os desenhos técnicos não estão assinados nem datados. O edifício tinha os números de polícia 45 a 45A na Avenida Ressano Garcia e 29 para a Avenida Visconde de Valmor. O pedido para a sua construção deu entrada no dia 26 de Junho de 1905. A assinatura do construtor civil responsável é a de Guilherme Francisco Baracho, inscrito na referida Câmara com o n.º 34, pela firma construtora Vieillard & Touzet. No dia 3 de Agosto de 1906 entrou um pedido para prorrogação por mais três meses para a continuação das obras. A moradia foi demolida em 1966 (A.M.L. | B.L., 1905: fl. 1) (Projecto de Casa para a Ex.ma Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, 1905: 113-114).

48 No volume voltado para a avenida estavam em eixo o *Vestíbulo*, a *Saleta* e o *Salão*. Estes eram separados da *Casa de Costura*, do *Oratório* e do *Escritório* por um corredor interno. Estes eram os espaços mais íntimos e de receber no interior da habitação, onde o universo masculino e feminino estavam presentes. No outro volume a *Casa de bilhar* e a *Casa de Jantar* também estavam no mesmo eixo, mas do lado oposto era o *Lavatório/WC*, a *Despensa*, a *Copa* e a *Cosinha* e a entrada de serviço (Fevereiro, 2011: 133-162) (Fevereiro, 2017b: 507-508).

49 Nomeadamente no edifício da Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa, na Casa Dr. José de Lacerda e no Bairro das Roseiras no Estoril (Silva, 1998: 150) (Calado, 2003: 187-188 e 348) (Fevereiro, 2011: 229-250).

50 Esta habilitação foi magistralmente seguida em 1904 na Casa/Atelier do pintor José Malhoa (1855-1933) no gaveto da Avenida 5 de Outubro e Rua Pinheiro Chagas, justamente galardoada em 1905 com o Prémio Valmor (Fevereiro, 2017a: 237).

51 O arquitecto não assinou nem datou os desenhos técnicos existentes. A moradia tinha o número de polícia 77 a 77A e tornejava para a Avenida de Berna. Os construtores civis responsáveis foram Henrique Lucas Pereira, inscrito na Câmara Municipal de Lisboa com o n.º 173, e António Pio dos Santos, inscrito com o n.º 111, pela firma construtora Empresa de Construção Predial. No anúncio desta empresa figurava a fachada desta moradia, o nome do arquitecto, o Director Geral Júlio Moura e o Mestre Geral Henrique Lucas Pereira. Aceitavam pagamento a pronto ou em 20 anuidades a 6% de juro ao ano (Empresa de Construção Predial, 1908: 4). O trabalho de serralharia foi realizado pela Vicente Joaquim Esteves, as instalações eléctricas pela Julio Gomes Ferreira & C.ª Ld.ª e os vitrais por Cláudio Martins (Carvalheira, 1908: 7) (Casa do sr. Mário de Artagão, 1909: 18). Os requerimentos entregues na Câmara Municipal foram os seguintes: construção, 22 de Março de 1906; aprovação do projeto, 7 de Junho de 1906; prorrogação por mais 6 meses, 19 de Junho de 1907; construção da garagem, lavadouro e galinheiro, 20 de Novembro de 1907; projeto de alterações, 9 de Dezembro de 1907; marquise em vidro, 21 de Abril de 1910; obras variadas no jardim, 11 de Outubro de 1913; pavilhão, projeto de Norte Júnior, 18 de Fevereiro de 1914 e terminado a 1 de Julho de 1918; galinheiro e arrecadação, 30 de Janeiro de 1915. Os edifícios existentes no lote foram demolidos em 1956 (A.M.L. | B.L., 1906b: fl. 1).



Fig. 07 Casa Olympia de Macedo Branco, sem data, Paulo Guedes. Arquivo Municipal de Lisboa, PAG000696. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

no projeto para a habitação do poeta e jornalista brasileiro Antônio da Costa Correia Leite (1866-1937)⁵² que se tinha exilado em Lisboa com a sua família por volta de 1905 e usou o pseudónimo literário Mário de Artagão (Dr. Antonio da Costa Correia Leite, 1905: 597) (*O Grande Exilado*, 1907: 489-494) (Alves, 2014: 40-48).

A moradia que mandou construir

[...] é no seu genero um interessante e inspirado trecho architectural; o seu exterior agradável, ligeiro e gracioso, cuaduna-se bem ao seu destino: a morada de um intellectual e um poeta de valor.

[...]

De todas as fachadas da habitação a mais harmonica e equilibrada é a que defronta com a Avenida Res-sano Garcia; a disparidade de motivos de decoração,

desaparece perante o arranjo feliz e ponderado de todos elles na composição (Carvalheira, 1908: 7).

O edifício foi construído num lote de gaveto com a fachada lateral sobre a avenida e com um jardim. Formado pela união de volumes, com um mirante na extremidade, e com a porta principal recuada em relação aos arruamentos. Os avanços e recuos das fachadas estavam de acordo com a função espacial interior e asseguravam assim uma eficiente relação entre o público e o privado no interior da habitação. Os diferentes tipos de vãos e terraços contribuíam para uma assimetria e evidenciavam o uso interno dos espaços⁵³.

O eclectismo das fachadas era complementado pela modernidade de pinturas a fresco de flores Arte Nova e de duas esculturas de rostos femininos. Na fachada da porta principal havia um medalhão com o monograma MA, referente ao pseudónimo do proprietário,

52 Antônio da Costa Correia Leite nasceu no Rio Grande do Sul, Brasil, e faleceu em Lisboa. O pai era natural do Porto e foi um abastado mercador estabelecido no estado brasileiro de Rio Grande do Sul.

53 A distribuição interna, disposta pela complexa intersecção de volumes, revelava uma eficácia surpreendente. A porta principal, em gradeamento de ferro e vidro, iluminava o Hall e neste havia a escadaria principal e os principais espaços de estar, virados para os arruamentos. Para o interior era a Sala de jantar nobre e a escadaria de serviço. No piso superior eram os quartos de cama e respectivos *toilettes*. A distribuição interna refletia a vivência burguesa estratificada, tanto no plano funcional como no social.

evidenciando assim o prestígio deste e da burguesia em detrimento de falsas alusões heráldicas.

A mesma distribuição espacial interna de acordo com a volumetria foi explorada no mesmo ano pelo arquitecto⁵⁴ na Casa do tiflólogo José Cândido Branco Rodrigues (1861-1926)⁵⁵ e obteve em 1908 a Menção Honrosa do Prémio Valmor.

A moradia foi construída dentro de um lote de gaveto com muro exterior em pedra e gradeamentos em ferro

Arte Nova. O volume principal e estrutural do conjunto em forma de torre continha a caixa de escadas iluminada pela porta principal e por um janelão com porta janela para uma varanda, unidas por um arco de volta perfeita de feição italianizante (Silva, 1987: 58) e convidativo para o seu interior. No topo era o *Bilhar*⁵⁶ com varanda exterior e vista panorâmica. Acoplado a este volume estava outro em que as fachadas recuavam ou avançavam consoante o espaço interior⁵⁷ e separavam as diferentes zonas, consoante a privacidade e a função subjacente (fig. 08).

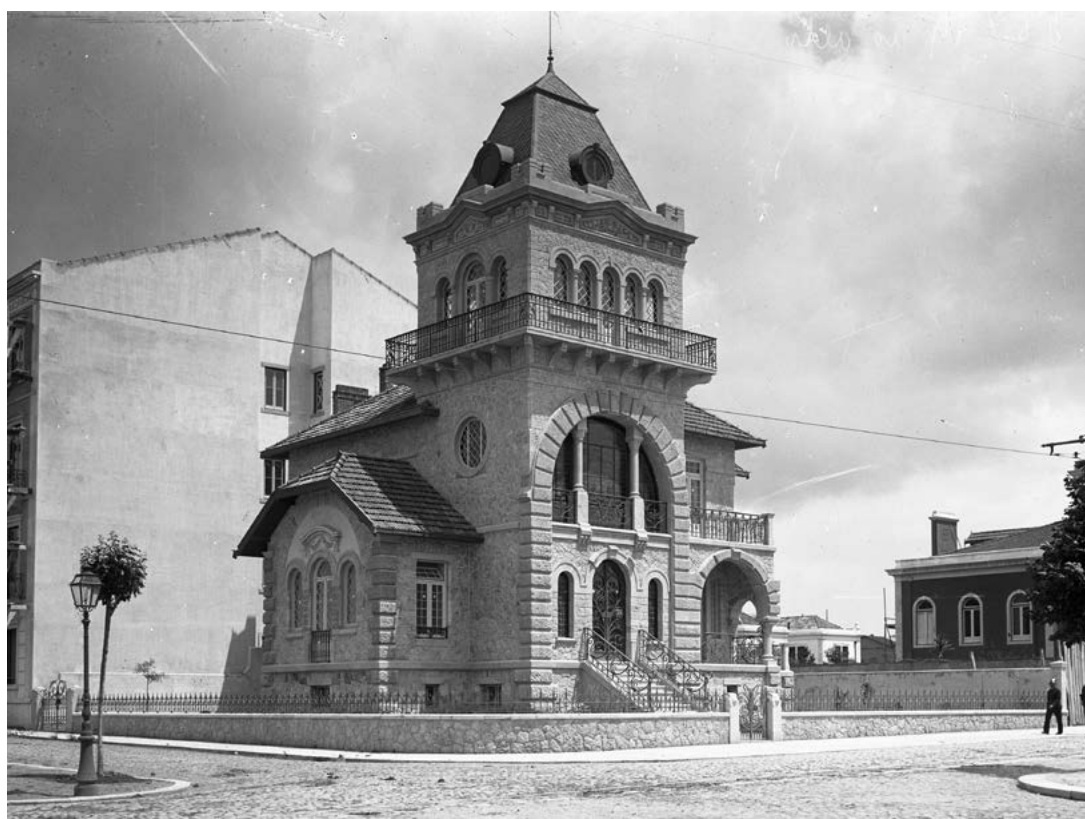


Fig. 08 Casa José Cândido Branco Rodrigues, sem data, Paulo Guedes. Arquivo Municipal de Lisboa, PAG000622. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

54 Os desenhos técnicos não estão assinados nem datados. A moradia tinha o n.º de polícia 36 para a Avenida da República e o n.º 27 Avenida Visconde de Valmor. Os construtores civis responsáveis foram António Francisco Guerreiro, construtor n.º 151, e Manuel Pires, construtor n.º 25, pela Companhia de Crédito Edificadora Portuguesa. As serralharias foram feitas na Vicente Joaquim Esteves e os vitrais eram da autoria de Cláudio Martins (Machado, 1908: 38) (Casa do sr. Branco Rodrigues, 1909: 90). Os pedidos apresentados na Câmara Municipal de Lisboa foram os seguintes: despacho, 3 de Janeiro de 1906; construção, Fevereiro de 1906; responsabilidade nas obras pelo construtor civil António Francisco Guerreiro, 5 de Março de 1906; responsabilidade nas obras pelo construtor civil Manuel Pires, 25 de Junho de 1906; licença, 29 de Junho de 1906, e prorrogação por mais um ano, 26 de Julho de 1907. O edifício foi demolido em 1950 (A.M.L. | B.L., 1906a: fl. 1).

55 José Cândido Branco Rodrigues era oriundo de uma família ligada ao comércio na cidade de Lisboa e foi fundador de: o *Jornal dos Cegos*; o *Instituto de Cegos Branco Rodrigues* em Lisboa (1900); o *Instituto S. Miguel* no Porto (em 1903) e as *Officinas Branco Rodrigues* em Castelo de Vide. Foi um dos fundadores da *Associação Promotora do Ensino dos Cegos* (1888), onde introduziu o ensino do Braille, contribuiu para a aprovação da legislação que oficializou o ensino dos cegos e as primeiras impressões em Braille em Portugal.

56 Este espaço adquiria aqui um lugar de destaque, visto estar quase sempre ao lado da sala de jantar na habitação burguesa.

57 No rez do chão o *Escriptorio* (com *Varanda* coberta) e a *Casa de Jantar* estavam virados para a avenida; a *Cosinha* estava virada para a fachada tardoz e um corredor em forma de T separava cada zona. O volume lateral, virado a Norte, tinha o *Gabinete da senhora* e o *Oratorio* no rez do chão. No 1º andar eram os quartos de dormir, o *toilette* e a instalação sanitária.

A moradia era totalmente revestida a pedra à maneira anglo-saxónica e este recurso *fashionable* oitocentista, empregue em *cottages* e *abbeys*, ganhava aqui uma certa rusticidade sofisticada⁵⁸. O deliberado intuito prendia-se com o facto de a zona da avenida ainda ser rural e estar afastada do centro⁵⁹. Todavia, esta solução foi “aportuguesada” e teve uma relativa expressividade nas estâncias balneares, nomeadamente em Cascais e no Estoril, onde o uso da pedra nos remete para o mar⁶⁰.

A facilidade que o arquitecto tinha em desenvolver a volumetria, integrar o edifício no terreno e a relação exterior/interior, foram aperfeiçoadas posteriormente em inúmeras soluções e nas fachadas explorou detalhes ecléticos e a Arte Nova numa linguagem muito característica (Fevereiro, 2022: 209-231)⁶¹, como em 1909 no edifício para habitação José Luís Vinagre e construído no lote adjacente ao da Casa Viscondessa de Valmor⁶².

O edifício José Luís Vinagre tinha a entrada e a caixa de escadas na extremidade poente/norte e três apartamentos por piso⁶³. De acordo com a disposição interna dos espaços foram dispostas as entradas e desenhados os vãos exteriores da fachada principal, o que sobreveio a assimetria da fachada principal, mas a secção central era simétrica com varandas exteriores e a do primeiro andar era ladeada pela escultura de um homem e de uma mulher, em vulto perfeito ao gosto clássico, assentes em mísulas⁶⁴. A secção terminava num frontão inspirado no românico e com uma mísula no eixo, encimada por uma urna (fig. 09).

No topo das janelas do segundo andar foram pintadas urnas, fitas e grinaldas classicizantes e na mísula do frontão e dos vãos centrais pendiam motivos florais Arte Nova⁶⁵.

A apetência pela Arte Nova sobressaiu em 1906 no edifício Abel José da Cruz (fig. 10) e cuja fachada “[...]”

58 O uso da pedra de influência anglo-saxónica foi empregue de forma ordenada nas fachadas exteriores da Casa Palmela em Cascais, construída por volta de 1871, cujo projeto é atribuído ao arquitecto britânico Thomas Henry Wyatt (1807-1880) e encomendado pelos terceiros Duques de Palmela (Silva, 2010: 26-28). Efectivamente, este recurso inspirado na época medieval inglesa teve pouca expressividade entre nós e foi empregue de forma desordenada no Casa dos Marqueses do Faial (Silva, 2010: 28-30) e na Casa Costa e Silva ou Condes de Ficalho (Silva, 2010: 44-45), ambas na mesma estância balnear. O primeiro foi projetado em 1896 pelo arquitecto José Luís Monteiro (1848-1942) para a filha dos mencionados Duques de Palmela. O segundo é datado de 1897 e foi atribuído ao construtor civil Manuel Ferreira dos Santos (1852-1905).

59 Curiosamente, a moradia de José Lino da Silva, irmão do arquitecto Raul Lino, foi construída entre 1901 a 1902 na Rua Garcia da Orta n.º 63 em Lisboa e foi totalmente revestida a pedra. O autor do projeto é desconhecido e no processo camarário apuramos o seguinte: abertura das fundações no dia 13 de Dezembro de 1899, o construtor civil responsável foi Guilherme Francisco Baracho pela Vieillard & Touzet; pedido de construção para um edifício no dia 3 de Março de 1900, o construtor civil responsável foi Joaquim António Vieira, inscrito na Câmara Municipal com o n.º 86; entrega do projeto para apreciação no dia 18 de Março de 1901, o construtor civil responsável foi Raul Lino (A.M.L. | B.L., 1901: fl. 1). O desenho arquitectónico deste *petit château* tem influências francesas no desenho dos vãos, nas cantarias e na torre. O gosto anglo-saxónico também é visível nos vãos, nos alpendres e na distribuição interna da habitação. As influências estrangeiras são complementadas por um friso em azulejo no segundo piso, em tons de azul sobre fundo branco, acentuando assim o carácter português na sua composição.

60 Por exemplo os muros em pedra rusticada e rematados no topo por outras erosivas vindas do mar. Este recurso foi também empregue no revestimento integral da torre do Chalet Almeida Pinheiro no Monte Estoril. O edifício foi depois o Royal Hotel e foi recentemente demolido.

61 Como por exemplo nos seguintes projetos: edifício Amélia Augusta Pereira Leite, mãe de António da Costa Correia Leite e construído no lote de gaveto à moradia do filho; Casa João Baptista de Macedo construída na Rua Pinheiro Chagas, que passou depois para a posse de Abílio Correia Leite, também filho de Amélia Augusta Pereira Leite, e demolida em 1986; Casa Constantino de Quadros de Carvalho construída entre 1908 a 1910 na Avenida Visconde de Valmor e demolida em 1957 e edifício Manuel Ferreira da Silva Brandão para habitação em 1909, contruído na Avenida Duque de Loulé e demolido em 1965, entre outros.

62 Os desenhos técnicos também não estão assinados nem datados. O edifício tinha os números de polícia 42 a 42A e os construtores civis responsáveis foram: Manuel Caetano Marques, inscrito na Câmara Municipal de Lisboa com o n.º 75, e Fernando Vitorino dos Santos Soares (1878-?), inscrito com o n.º 260. Os pedidos apresentados foram os seguintes: construção de um muro, 12 de Fevereiro de 1909; abertura das fundações, 25 de Junho de 1909; entrega do projeto, 12 de Julho de 1909; prorrogação por mais 3 meses, 12 de Agosto de 1910, e permissão para abertura de mais fundações e construção de uma arrecadação para as ferramentas, 20 de Janeiro de 1911. O edifício foi demolido em 1959 (A.M.L. | B.L., 1909: fl. 1) (Moreira, 1911: 11-12).

63 Cada apartamento desenvolvia-se da seguinte maneira: salas de estar para a fachada principal; um corredor interno longitudinal; quartos para sul, instalação sanitária a norte; cozinha e sala de jantar para nascente.

64 As mísulas e as esculturas não foram desenhadas no projeto inicial. Não sabemos quem foi o autor e se as esculturas sobreviveram depois da demolição do edifício. Ao longo da carreira Norte Júnior contemplou peças escultóricas nos seus projetos, mas este é o único, conhecido até hoje, em que as figuras humanas eram em vulto perfeito e por isso não temos a certeza se foram propostas pelo arquitecto ou pelo proprietário.

65 Não sabemos o autor destas pinturas, mas o arquitecto colaborou com o pintor Gabriel Constante no mesmo período em variados projetos (Fevereiro, 2017a: 247-248). As pinturas são visíveis na fotografia publicada em 1911 na revista *A arquitectura portuguesa* no N.º 3 referente ao mês de Março. Na fotografia do Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico aqui reproduzida podemos constatar que desapareceram antes da sua demolição.



Fig. 09 Edifício José Luís Vinagre, sem data, Arnaldo Madureira. Arquivo Municipal de Lisboa, ARM000021. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>



Fig. 10 Edifício Abel José da Cruz, sem data, Paulo Guedes. Arquivo Municipal de Lisboa, PAG000692. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

principal, modernista, ou fantasista, como melhor se quizer chamar, é, como tal, fóra do comum” (Casa do sr. Abel José da Cruz, 1906: 72). Foi projetado pelo construtor civil José Rodriguez Prieto⁶⁶ e proprietário da Marcenaria Moderna⁶⁷.

O edifício tinha três apartamentos por piso e o centro era a caixa de escadas. Cada apartamento era distribuído da seguinte forma: sala de jantar, cozinha e instalação sanitária para poente na fachada tardoz; quartos e despensa para norte; quarto para sul e salas de estar/quartos para nascente na fachada virada para a avenida⁶⁸. De acordo com esta distribuição interna foram dimensionados os vãos para a fachada principal estilizada ao gosto Arte Nova e complementada no friso por pinturas que se adaptavam às formas arquitectónicas, compostas por motivos padronizados de flores e uma figura feminina ao centro⁶⁹. No eixo de simetria da fachada há a porta de entrada e na porta da janela da varanda do primeiro andar a caixilharia era claramente inspirada nas congéneres belgas coe-

vas, com pinturas de bustos femininos e composições florais nas vidraças⁷⁰.

A simetria e a rigidez formal do desenho arquitectónico base são obliteradas pelas linhas curvilíneas, o que faz deste edifício um dos mais expressivos do movimento Arte Nova em Lisboa.

No ano de 1904 foi entregue o projeto do edifício para habitação do italiano e *latoeiro de folha amarela* Angelo Izabella (c. 1846-?)⁷¹ da autoria da dupla dos arquitectos italianos Nicola Bigaglia (1841-1908) e Alfredo Coffino⁷² residentes em Lisboa.

O traçado arquitectónico era claramente italianizante (fig. 11) e no *Rez-do-Chão* o embasamento era em pedra aparelhada rusticada. A porta principal, o arco de volta perfeita, a pedra de fecho e as aduelas⁷³ eram inspirados nos congéneres dos *palazzi* italianos. As aduelas e as impostas prolongavam-se no *Rez-do-Chão* e unificavam assim o piso e as janelas,

66 Os desenhos técnicos estão assinados e não estão datados. O construtor estava inscrito na Câmara Municipal de Lisboa com o n.º 179. A obra também foi dirigida pelo construtor civil António Pio dos Santos, inscrito com o n.º 111. O edifício tem o n.º de polícia 87 e os pedidos apresentados foram os seguintes: fundações, 30 de Junho de 1906; construção, 23 de Julho de 1906; prorrogação por mais 3 meses, 20 de Setembro de 1906; alargamento do vestíbulo, 19 de Outubro de 1906; envidraçamento do terraço, 4 de Abril de 1907; várias alterações e construção da capoeira, 28 de Junho de 1907, e numeração das portas, 4 de Julho de 1907 (A.M.L. | B.L., 1906: fl. 1) (Casa do sr. Abel José da Cruz, 1906: 71-76).

67 A sede e oficinas eram na Rua de São José n.º 171 a 173A em Lisboa. Na documentação coeva era assim designada, mas no carimbo dos desenhos técnicos, do edifício Abel José da Cruz, é designada como Carpinteria Moderna e era Fornecedora da Real Casa de Hespanha. José Rodrigues Prieto foi também fabricante de bilhares.

68 No *rez do chão* residia o proprietário e o 1.º andar e o 2.º andar eram alugados. Nas plantas o projetista não menciona a função de cada espaço, mas pelo desenho e outras indicações podemos concluir que era a cozinha, a despensa e a instalação sanitária na fachada tardoz. Os restantes espaços foram deduzidos pela distribuição espacial e vivência coeva. O edifício foi profundamente alterado e por isso não sabemos qual é a função e a distribuição actual.

69 O motivo padronizado floral e a figura feminina tinham semelhanças notórias com as que foram pintadas na Casa Domingos de Sousa Andrade, na Avenida António Augusto de Aguiar, e eram da autoria do pintor Domingos Maria da Costa. Esta moradia foi projetada em 1902 pelo arquitecto José Alexandre Soares, ficou terminada em 1904 e foi demolida em 1961 (Fevereiro, 2017a: 234-235). Ver o mesmo género de figura e adaptação dos motivos florais à arquitectura no Hôtel particulier projetado pelo arquitecto Albert Roosenboom (1871-1943) em Bruxelas (Borsi e Wieser, 1996: 216-217).

70 A sua originalidade evidenciava-se pelos medalhões com figuras femininas e pela sinuosidade das plantas e flores. Todas estas decorações integravam-se harmoniosamente com o desenho da caixilharia. A fonte de inspiração deste conjunto é francófona e encontramos as mesmas semelhanças no trabalho dos seguintes arquitectos belgas: Paul Hankar (1859-1901) nos vãos do primeiro andar do Hôtel particulier de la Veuve Ciambertani (mère du peintre); Léon Sneyers (1877-1948) nos vãos interiores do Hôtel du docteur Coppez e já demolido; Gustave Strauven (1878-1919) nos vãos exteriores da Maison pour le peintre Georges de Saint-Cyr; Albert Roosenboom nas janelas do Hôtel particulier na rue Faider e Léon Delune (1862-1947) nos vãos e nos vitrais do Hôtel particulier na rue du Lac. Os edifícios referidos foram todos construídos na cidade de Bruxelas (Borsi e Wieser, 1996: 57, 89, 156, 216 e 276).

71 Angelo Izabella era natural de Policastro Bussentino em Itália, onde nasceu por volta de 1846. Veio em data incerta para Lisboa, foi morador na Rua Augusta e era *latoeiro de folha amarela* como consta no seu assento de casamento. Casou na freguesia de São Nicolau no dia 28 de Abril de 1881 com sua prima Maria Rosalia Orrico, também natural da mesma freguesia onde nasceu por volta de 1864.

72 Os desenhos estão assinados por ambos e datados de 1904. O edifício tinha o número de polícia 7 a 7A e o construtor civil responsável foi o arquitecto Nicola Bigaglia, inscrito com o n.º 91 na Câmara Municipal de Lisboa. O pedido para a sua construção deu entrada no dia 27 de Junho de 1904. No dia 2 de Junho de 1905 as obras estavam em curso, quando é apresentado um pedido para construção de uma marquise na fachada lateral Norte. A obra foi considerada terminada no dia 16 de Setembro de 1905. O edifício foi demolido em 1990 (A.M.L. | B.L., 1904: fl. 1) (Casa do sr. Angelo Izabella, 1905: 169-170).

73 A pedra de fecho e as aduelas tinham acabamento rusticado. No alçado impresso na publicação *A construção moderna* a porta principal não tem as duas aduelas salientes. Para decoração do arco foram propostas flores estilizadas Arte Nova.

além de intensificarem o sentido horizontal⁷⁴. No 1.º Andar as três varandas tinham balaustradas, mas na principal havia dois leões com escudos de brasão de armas em pedra no corrimão⁷⁵. Cada varanda tinha duas portas janelas simétricas e eram superiormente rematadas nas extremidades por duas pateras, unidas por um travessão classicizante e encimado por um plinto onde assentava uma esfera⁷⁶. O conjunto da varanda com os vãos e o plinto acentuavam a verticalidade do alçado. O que esta fachada revelava era uma afirmação pessoal e social, apoiada em

cânones estéticos prestigiantes e classicistas, onde as referências palacianas foram reinterpretadas numa habitação burguesa para duas famílias⁷⁷. A mesma abordagem foi igualmente seguida em edifícios habitacionais no bairro Prati em Roma.

No lado oposto Nicola Bigaglia projetou em 1907 a Casa João Borges Alves⁷⁸ e no alçado principal o arquitecto apostou em linhas arquitectónicas puras inspiradas num formalismo classicista, mas reinterpretou-as num contexto moderno.

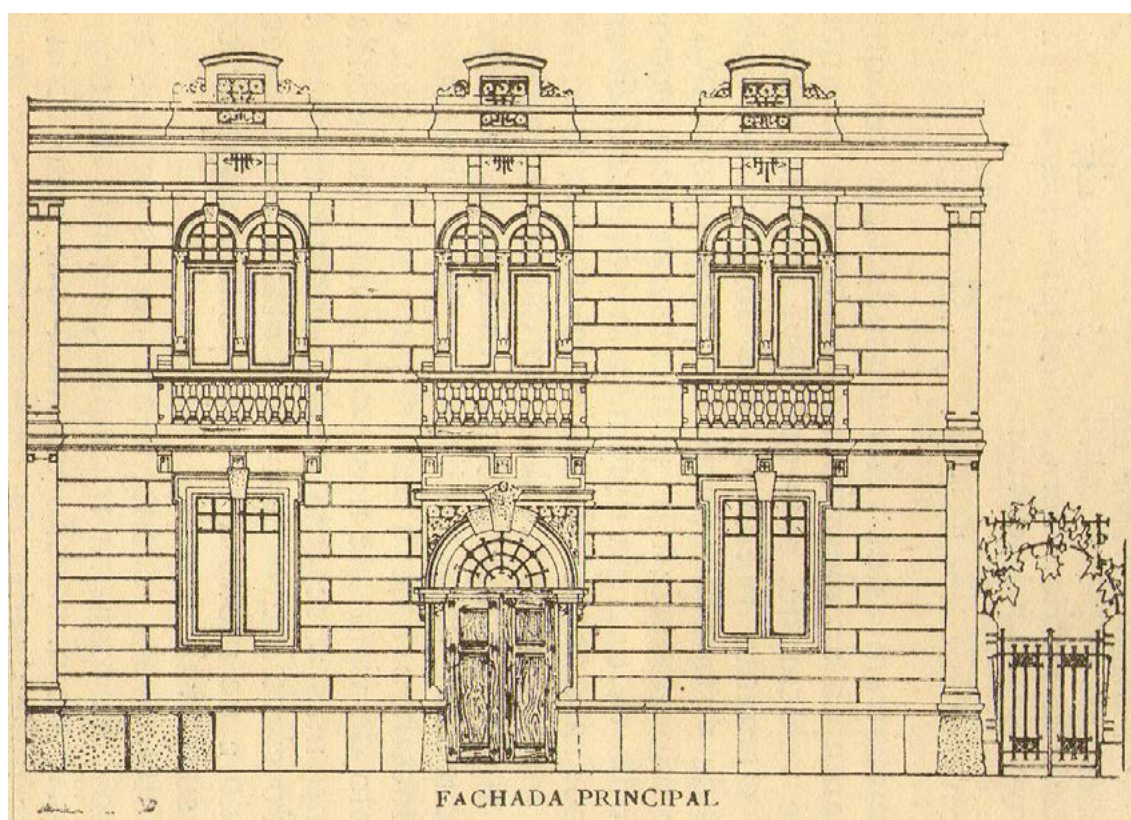


Fig. 11 Alçado principal do edifício Angelo Izabella (Casa do sr. Angelo Izabella, 1905: 169).

74 No referido alçado as faixas não foram desenhadas, mas sim no alçado entregue na câmara e que foi seguido na versão construída.

75 Também não foram desenhados no projeto publicado.

76 Na mesma publicação foram propostos frontões também com flores Arte Nova no alçado principal.

77 O edifício foi construído longitudinalmente na extremidade nascente/sul, com acesso exterior para o jardim e entrada de serviço a norte. O centro era ocupado pela caixa de escadas e pelo *Saguão*, de forma a ter arejamento e entrada de luz solar para os quartos, instalações sanitárias e despensas. Na fachada principal estavam as salas de estar e o *Quarto de casados*. Na fachada tardoz a *Sala de jantar*, a *Sala de costura* e a *Cosinha*. O *Sotam* tinha o *Quarto de engomados* e os quartos dos criados, só com acesso pelo apartamento do 1.º Andar.

78 Os desenhos técnicos estão assinados por Nicola Bigaglia e datados de 1907. O arquitecto foi o construtor civil responsável e o edifício tinha os números de polícia 16 a 16B. Os pedidos apresentados na Câmara Municipal de Lisboa foram os seguintes: construção arrecadação dos materiais, 10 de Janeiro de 1907; abertura para os alicerces, 10 de Janeiro de 1907; construção da moradia; 10 de Janeiro de 1907; alterações nas divisões interiores da habitação, 27 de Dezembro de 1907, e atribuição de número de portas, 17 de Fevereiro de 1908. O edifício passou depois para a posse de António da Silva Cunha e mandou construir uma marquise Arte Nova, no dia 26 de Agosto de 1911, e o construtor civil responsável foi António Maria da Costa, inscrito na referida câmara com o n.º 164. Foi demolido em 1972 (A.M.L. | B.L., 1907: fl. 1) (Casa do Sr. João Borges Alves, 1907: 209-210).

No *rez-do-chão* a *Sala* e o *Escriptorio* tinham três janelas cada e acentuavam o sentido horizontal da fachada principal, também intensificado pela simulação de um aparelho de pedra regular. O *primeiro andar* e o *segundo andar* eram unidos por pilastras de juntas refendidas e rematadas por uma cimalha curvilínea⁷⁹ que conferia verticalidade ao alçado. Este alongamento também era visível nos vãos do *primeiro andar*,

enquanto no *segundo andar* eram na horizontal e iluminavam os aposentos privados⁸⁰ (fig. 12).

O despojamento das linhas arquitectónicas fazia deste edifício um dos melhores de influência Arte Nova italiana em Lisboa.

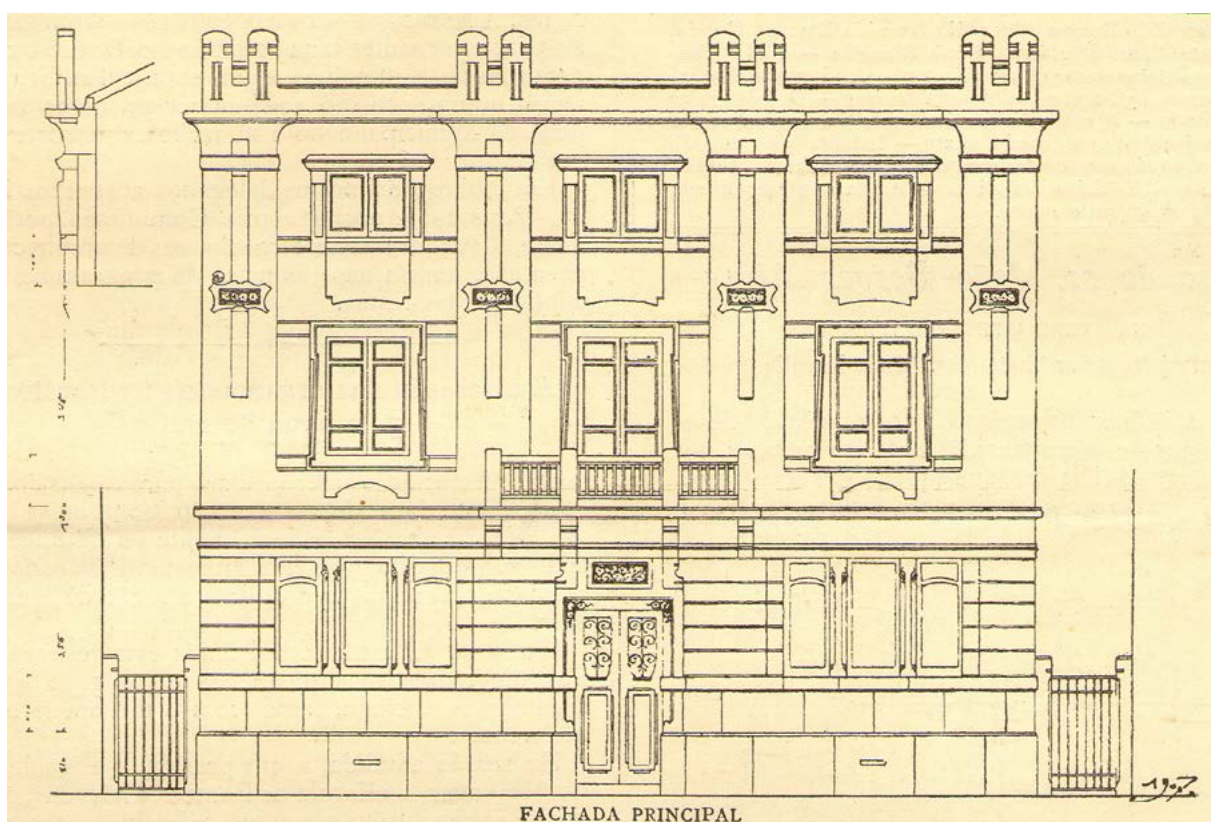


Fig. 12 Alçado principal da Casa João Borges Alves (Casa do Sr. João Borges Alves, 1907b: 209).

79 A cimalha tinha parecenças, embora com menor expressividade em dimensão, com as congéneres italianas do mesmo período. Veja-se por exemplo na cidade de Roma os seguintes edifícios: para comércio e habitação no gaveto formado pelas Viae Marco Minghetti, delle Vergini e delle Muratte; para habitação no gaveto formado pelas Viae dei Gracchi e Viriginio Orsini e institucional, antes habitação, na Via Cesare Beccaria. Esta solução foi fonte de inspiração para uma projetada pelo arquitecto Tertuliano Marques (1882-1942) na sua casa de veraneio em São João do Estoril (Fevereiro, 2017a: 246). Estas cimalkas tinham como fonte de inspiração as empregues no período renascentista em Itália.

80 O interior do edifício girava em torno de um vestíbulo central denominado por *Hall* em todos os pisos e de onde partia o acesso para os vários espaços. No *rez-do-chão* a *Sala* e o *Escriptorio* estavam virados para a avenida; a caixa de escadas, a entrada de serviço e o *Quarto criado* para a lateral sul; a *Cosinha*, a *Dispensa*, o *W.C.I.* (instalação sanitária), a *Copa* e a *Sala de Jantar* para a tardoz; a *Saleta* para a fachada lateral norte, com portas em eixo que faziam a comunicação entre a *Sala de Jantar* e a *Sala*. No *primeiro andar* e no *segundo andar* eram aposentos e as instalações sanitárias nestes pisos ficavam ao lado da caixa de escadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto da Casa Joaquim de Jesus Ferreira constitui um marco na carreira do arquitecto Raul Lino por ter modernizado elementos arquitectónicos tradicionais aliados a um traçado arquitectónico despojado e original. Esta abordagem não teve seguimento nas outras edificações construídas na avenida até 1909 e onde os projetistas aqui analisados enveredaram por uma arquitectura de carácter urbano e contemporâneo.

Nos projetos aqui seleccionados foram exploradas de forma original referências de influência estrangeira como certas características arquitectónicas, o uso de decorações exteriores e o diálogo interior/exterior com os jardins e os arruamentos. Contudo, estes foram magistralmente integrados na cultura portuguesa

através da reinterpretação arquitectónica e das artes aplicadas, como conseguimos estabelecer na análise encetada para cada exemplar ao salientarmos as suas principais características.

A maioria destas habitações foram construídas para uma burguesia emergente, luso-brasileiros e fidalguia, factor determinante na concepção de cada projeto e de acordo com cada família no desenho arquitectónico e na distribuição espacial interna.

A qualidade intemporal deste conjunto de obras sobreviverá eternamente como um marco na história da arquitectura do início do século XX em Portugal.

REFERÊNCIAS

FONTES

Arquivo Histórico Municipal de Cascais (A.H.M.C.), Raul Lino (1904), *Projecto de casa para o Ex.mo Sr. Jorge O'Neill no seu terreno junto ao pharol de St. Maria: Cascaes*. CAS/0985, fl. 1.

Arquivo Municipal de Lisboa | Bairro da Liberdade (A.M.L. | B.L.), (1901), *Projecto de construção que deseja mandar fazer o Sñr. Jose Lino da Silva no terreno que possui na rua da Santissima Trindade entre os n.º 35 a 43 freguezia de Santos o Velho*. 1116/1ºREP/PG 1901, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Álvaro Augusto Machado (1905), *Projecto que a Ex.ma Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, deseja construir no seu terreno situado no angulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde Valmôr*. 3526/1ºREP/PG 1905, fl. 1 e 2.

A.M.L. | B.L., António José Dias da Silva (1900), *Projecto da casa que o Ex.mo Sñr. Arthur de Sá vae construir no seu terreno Rua Conde de Redondo novo Bairro Camões*. 5348/1ºREP/PG 1900, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Jose Rodriguez Prieto (1906), *Projecto da propriedade que o Sr. Abel José da Cruz pretende fazer na Avenida Ressano Garcia lote N.º 140*. 4992/1ºREP/PG 1906, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Luís Caetano Pedro de Ávila (1897), *Projecto doutor José Daniel da Silva Pereira Tavares*. 1333/ºREP/PG/1897, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Manuel Joaquim Norte Júnior (1906a), *Projecto de casa de habitação que Branco Rodriguez pretende edificar no seu terreno limitado pelas Avenidas: Ressano Garcia e Visconde Valmôr, freguesia S. Sebastião da Pedreira, 3º bairro*. 1558/1º REP/PG 1906, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Manuel Joaquim Norte Júnior (1906b), *Projecto para uma casa de habitação que Antonio da Costa Corrêa Leite deseja edificar no seu terreno limitado pelas avenidas Ressano Garcia e Martinho Guimarães (talhões n.º 131 e 133), freguesia S. Sebastião da Pedreira, 3º bairro*. 2286/1ºREP/PG 1906, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Manuel Joaquim Norte Júnior (1909), *Projecto de propriedade que José Luiz Vinagre pretende construir no seu terreno situado na Avenida Ressano Garcia. Freguesia de S. Sebastião da Pedreira – 3.º Bairro*. 3723/1ºREP/PG 1909, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Miguel Ventura Terra (1905), *Casa Viscondessa de Valmor*. 2257/1ºREP/PG 1905, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Nicola Bigaglia (1907), *Fachada sobre a Avenida R. Garcia*. 234/1ºREP/PG 1907, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Nicola Bigaglia e Alfredo Coffino (1904), *Casa do Ex.mo Sr. Angelo Izabella, Lisboa*. 3417/1ºREP/PG 1904, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Raul Lino (1904), *Casa Joaquim de Jesus Ferreira*. 3135/1ºREP/PG 1904, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Vieillard & Touzet (1905), *Projecto da construção de um mirante que o Sñr. Joaquim de Jesus Ferreira deseja construir no seu terreno na Avenida Ressano Garcia*. 698/1ºREP/PG 1905, fl. 1.

A.M.L. | B.L., Vieillard & Touzet (1907), *Projecto da construção de uma barraca destinada, o réz-do-chão a arrecadação d'objectos de jardinagem e o andar a viveiro de passaros, que Joaquim de Jesus Ferreira, deseja construir no jardim da sua propriedade, na Avenida Ressano Garcia*. 4730/1ºREP/PG 1907, fl. 1.

BIBLIOGRAFIA

A obra de um reformador – “A obra de um reformador, o architecto Raul Lino”. *Ilustração portuguesa*. Lisboa: Empresa do jornal “O Seculo”. 2.º Série N.º 110 (30 de Março de 1908), pp. 387-391.

ALMEIDA, José Valentim Fialho de – “Lisboa monumental II”. *Ilustração portuguesa*. Lisboa: Empresa do jornal “O Seculo”. 2.º Série N.º 39 (19 de Novembro de 1906), pp. 497-509.

ALMEIDA, Ribeiro de – “Casa do collegio da Ex.ma Sr.ª D. Anna Roussel. Na Avenida Ressano Garcia, tornejando para a Avenida Duque de Avila. Architecto, Alvaro Machado”. *A architectura portuguesa*. Lisboa: Mário Colares. 2.º Ano N.º 3 (Março de 1909a), pp. 9-12.

ALMEIDA, Ribeiro de – “Palacete da Ex.ma Sr.ª Viscondessa de Valmôr (Para rendimento). Na Avenida Ressano Garcia e R. Visconde de Valmôr. Architecto: Ventura Terra”. *A architectura portuguesa*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 2.º Ano N.º 6 (Junho de 1909b), pp. 21-23.

ALVES, Francisco das Neves – “Um poeta brasileiro no exílio: duas obras de Mario de Artagão escritas e editadas em Lisboa”. *Navegações*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Vol. 7 N.º 1 (Janeiro a Junho de 2014), pp. 40-48.

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

BORSI, Franco e WIESER, Hans – *Bruxelles capitale de l'Art Nouveau*. Braine-l'Alleud: J. M. Collet, 1996.

BRANDÃO, Raul – *Impressões e paizagens*. Porto: Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1890.

C., T. – “A casa do Sr. Albino Caetano da Silva. Em Coimbra. Pelo architecto Raul Lino”. *A architectura portuguesa*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 2.º Ano N.º 8 (Agosto de 1909), pp. 29-31.

CALADO, Maria – *A cultura arquitectónica em Portugal (1880-1920): tradição e inovação*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2003. (Tese de Doutoramento).

CARVALHEIRA, Rozendo – “A casa do sr. Mario Artagão. Architecto, Norte Junior”. *A architectura portuguesa*. Lisboa: Mário Colares. 1.º Ano N.º 2 (Fevereiro de 1908), pp. 5-8.

CARVALHO, Manuel Rio de – “Arte Nova”. *História da arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, pp. 153-171.

CARVALHO, Pinto de – “Elegancias e mundanidades, As joias femininas. Brasil – Portugal”. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora. 3.º Ano N.º 62 (16 de Agosto de 1901), pp. 214-215.

Casa da Ex.ma Sr.ª Viscondessa de Valmôr – “Casa da Ex.ma Sr.ª Viscondessa de Valmôr (para rendimento). Na Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmôr. Architecto, sr. Ventura Terra”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 10.º Ano N.º 307 (20 de Outubro de 1909), pp. 49-50.

Casa de estylisação portuguesa do sr. Rey Colaço – “Casa de estylisação portuguesa do sr. Rey Colaço. Em construção no

Monte Palmella (Mont'Estoril). Projecto do architecto, sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 2.º Ano N.º 28 (16 de Março de 1901), pp. 1-3.

Casa do ex.mo sr. A. Duarte – “Casa do ex.mo sr. A. Duarte, em Queluz. Architecto, sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 4.º Ano N.º 115 (1 de Dezembro de 1903), pp. 241-243.

Casa do ex.mo sr. Antonio Maria Pimenta – “Casa do ex.mo sr. Antonio Maria Pimenta. A construir em Coimbra. Projecto do architecto, sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 4.º Ano N.º 90 (20 de Março de 1903), pp. 41-43.

Casa do Ex.mo Sr. Conde de Armand – “Casa do Ex.mo Sr. Conde de Armand. Na Quinta da Commenda em Setubal. Architecto, sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 4.º Ano N.º 104 (10 de Agosto de 1903), pp. 153-155.

Casa do ex.mo sr. dr. Avelino Monteiro – “Casa do ex.mo sr. dr. Avelino Monteiro. Em Cintra. Architecto, sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 5.º Ano N.º 129 (20 de Abril de 1904), pp. 65-67.

Casa do Ex.mo Sr. Dr. Daniel Tavares – “Casa do Ex.mo Sr. Dr. Daniel Tavares. Na Avenida da Liberdade. Projecto do architecto, Ex.mo Sr. Luiz Caetano Pedro d'Ávila”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 1.º Ano N.º 8 (16 de Maio de 1900), pp. 1-3.

Casa do ex.mo sr. J. J. Ferreira – “Casa do ex.mo sr. J. J. Ferreira. Na Avenida Ressano Garcia. Projecto do architecto, sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 5.º Ano N.º 136 (1 de Julho de 1904), pp. 121-123.

Casa do Ex.mo Sr. Jorge O'Neill – “Casa do Ex.mo Sr. Jorge O'Neill. Para ser construída junto ao pharol de santa Maria (Cascaes). Projecto do architecto, sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 3.º Ano N.º 60 (20 de Maio de 1902), pp. 57-59.

Casa do ex.mo sr. Julio Cesar de Mouta e Vasconcellos – “Casa do ex.mo sr. Julio Cesar de Mouta e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Projecto do architecto, sr. Alvaro Machado”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 3.º Ano N.º 81 (20 de Dezembro de 1902), pp. 169-171.

Casa do sr. Abel José da Cruz – “Casa do sr. Abel José da Cruz. Na Avenida Ressano Garcia. Projecto e execução do constructor civil, sr. J. R. Prieto”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 7.º Ano N.º 202 (20 de Outubro de 1906), pp. 71-76.

Casa do sr. Albino Caetano da Silva – “Casa do sr. Albino Caetano da Silva. Em Coimbra. Architecto sr. Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 10.º Ano N.º 328 (20 de Maio de 1910), pp. 217-218.

Casa do sr. Angelo Izabella – “Casa do sr. Angelo Izabella. Na Avenida Ressano Garcia. Projecto do architecto, sr. Nicola Bigaglia”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 6.º Ano N.º 178 (20 de Setembro de 1905), pp. 169-170.

Casa do Sr. Arthur de Sá – “Casa do Sr. Arthur de Sá. Na Rua do Conde de Redondo, Bairro Camões. Projecto do architecto, Sr. Antonio José Dias da Silva Lisboa”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 1.º Ano N.º 18 (16 de Outubro de 1900), pp. 1-3.

Casa do sr. Branco Rodrigues – “Casa do sr. Branco Rodrigues. Na avenida Ressano Garcia, tornejando para a rua Visconde de Valmôr. Architecto, sr. Norte Junior”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 10.º Ano N.º 312 (10 de Dezembro de 1909), pp. 89-90.

Casa do Sr. João Borges Alves – “Casa do Sr. João Borges Alves. Na Avenida Ressano Garcia. Projecto do architecto, sr. Nicola Bigaglia”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 7.º Ano N.º 219 (10 de Abril de 1907), pp. 209-212.

Casa do sr. Mário de Artagão – “Casa do sr. Mário de Artagão. Na avenida Ressano Garcia. Architecto, Norte Junior”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 10.º Ano N.º 303 (10 de Setembro de 1909), pp. 17-18.

Casa premiada com o premio Valmôr – “Casa premiada com o premio Valmôr. Architecto sr. Ventura Terra”. *Occidente. Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. Lisboa: Caetano Alberto da Silva. N.º 1025 (20 de Junho de 1907), pp. 131-133.

COTA, António – “A obra do architecto Ventura Terra no período de 1896 a 1912: relações espaciais, inovação e modernidade”. *ROMANTHIS - História, arte, cultura e património do Romantismo*. Vila Franca do Campo: Histórias Sábias. N.º 1, 2022, pp. 6-155.

Dr. Antonio da Costa Correia Leite – “Dr. Antonio da Costa Correia Leite (Mario d’Artagão)”. *Ilustração portuguesa*. Lisboa: Empreza do jornal “O Seculo”. 1.º Série N.º 90 (24 de Julho de 1905), p. 597.

Empreza de Construção Predial – “Empreza de Construção Predial”. *Diário ilustrado*. Lisboa: Impr. de Souza Neves. 38.º Ano N.º 12603 (26 de Julho de 1908), p. 4.

FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota – “A Arte Nova em Lisboa”. *Cadernos do arquivo municipal*. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa. 2.º Série, N.º 7, Janeiro - Junho 2017a, Lisboa e as Artes Decorativas: Obras, Artistas, Projetos, pp. 227-255.

FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota – *Álvaro Augusto Machado, José António Jorge Pinto e o movimento arte nova em Portugal*. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2011. (Dissertação de Mestrado).

FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota – “José António Jorge Pinto, vida e obra”. *Revista arquitetura lusíada* N.º 8. Lisboa: Universidade Lusíada. N.º 8, 2º Semestre 2015, pp. 79-102.

FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota – “Norte Júnior, o desenvolvimento volumétrico e a intemporalidade da sua obra”. *Norte Júnior ou o triunfo do eclectismo*. Lisboa: Caleidoscópio e Universidade Autónoma de Lisboa, 2022, pp. 209-231.

FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota – “Os espaços de culto privados na transição do século XIX para o XX”. *Arte, cultura e património do Romantismo. Actas do 1.º Colóquio “Saudade Perpétua”*. Porto: CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2017b, pp. 477-557.

MACEDO, Isabel Maria Duarte Espada Pratas Sousa de – “A Casa da Comenda de Raul Lino: de torre medieval a

residência de veraneio”. *Cadernos do arquivo municipal*. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa. 2.º Série, N.º 6, julho - dezembro 2016, Histórias de casas e de quem lá vive(u) - Vol. II, pp. 109-141.

MACHADO, Alfredo de Ascensão – “Casa do sr. Branco Rodrigues (Na Avenida Ressano Garcia, tornejando para a Rua Visconde Valmôr). Architecto, Manuel Joaquim Norte Junior”. *A arquitectura portuguesa*. Lisboa: Mário Colares. 1.º Ano N.º 10 (Outubro de 1908), pp. 37-40.

MOREIRA, Arnaldo – “Predio do sr. Jose Luiz Vinagre. Architecto: Norte Junior”. *A arquitectura portuguesa*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 4.º Ano N.º 3 (Março de 1911), pp. 11-12.

MORRIS, William – *A beleza da vida: conferência no Town Hall, Birmingham, em 1880*. Lisboa: &etc, 2007.

O Grande Exilado – “O grande exilado”. *Ilustração portuguesa*. Lisboa: Empreza do jornal “O Seculo”. 2.º Série N.º 61 (22 de Abril de 1907), pp. 489-494.

PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – *Raul Lino: arquitetura e paisagem (1900-1948)*. Lisboa: ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2013. (Tese de Doutoramento em Arquitectura e Urbanismo).

PESSANHA, D. José – “Raul Lino”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 3.º Ano N.º 56 (10 de Abril de 1902), pp. 17-21.

Projecto de Casa para a Ex.ma Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco – “Projecto de Casa para a Ex.ma Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco. No angulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmôr. Auctor, o architecto Alvaro Machado”. *A construção moderna*. Lisboa: Eduardo Nunes Colares. 6.º Ano N.º 171 (10 de Julho de 1905), pp. 113-120.

RAMOS, Rui Jorge Garcia – *A Casa – Arquitectura e projecto domestico na primeira metade do século XX português*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010.

REILLY, Robin – *Wedgwood: the new illustrated dictionary*. Woodbridge, Suffolk: Antique Collector’Club, 1995.

RIBEIRO, Irene – *Raul Lino, Pensador nacionalista da arquitectura*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1994.

RIBEIRO, José Sommer – “Apresentação”. SILVA, Raquel Henriques da (direção). *Lisboa de Frederico Ressano Garcia, 1874-1909*. Lisboa: Prestel, 1989, p. 7.

ROLLO, Maria Fernanda – “Da insustentabilidade do modelo à crise do sistema”. ROSAS, Fernando. ROLLO, Maria Fernanda (coordenação). *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China, 2010, pp. 27-42.

SANTOS, António Maria dos Anjos – “Arquitectura de tijolo e indústria. A introdução do tijolo sílico calcário em Portugal (1903-1913)”. *Arqueologia & indústria*. Lisboa: Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial e Edições Colibri. N.º 1. (1 de Julho de 1998), pp. 101-114.

SANTOS, António Maria dos Anjos – “Para o estudo da arquitectura industrial na região de Lisboa (1846-1918)”. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, 1996. V. II (Tese de Mestrado em História da Arte Contemporânea).

SILVA, Raquel Henriques da – *Arquitectura de Veraneio Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2010.

SILVA, Raquel Henriques da – “Lisboa, 1900 – as avenidas novas e o arquitecto Norte Júnior. *Colóquio artes*”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2.ª Série/29.º ano N.º 73 (Junho de 1987), pp. 52-63.

SILVA, Raquel Henriques da – “Sociedade Nacional de Belas-Artes, Rua Barata Salgueiro, Lisboa 1906, Álvaro Machado”. BECKER, Annette. TOSTÕES, Ana. WANG, Wilfried (organização). *Arquitectura do século XX Portugal*. München: Prestel, 1998, p. 150.

SOARES, Francisco – *Quicola: estudo para um conhecimento do património formal da poesia angolana: os poemas líricos em verso oriundos de Angola e publicados no século XIX no Almanach de lembranças luso-brasileiro*. Évora: Pendor 1998.

TAVARES, Santos – “Arte e Artistas”. Em casa de Roque Gameiro. *Ilustração portuguesa*. Lisboa: Empreza do jornal “O Seculo”. 2.ª Série N.º 172 (7 de Junho de 1909), pp. 705-710.

TOSTÕES, Ana Cristina – “Arquitectura portuguesa do século XX”. PEREIRA, Paulo (editor). *História da arte portuguesa*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995, pp. 506-547.

WEISBERG, Gabriel P. BECKER, Edwin. POSSÉMÉ, Évelyne – *The origins of L’Art Nouveau: the bing empire*. Amesterdão: Van Gogh Museum, 2004.

WILDE, Oscar – *Intenções: quatro ensaios sobre estética*. Lisboa: Edições Cotovia, 1993.